

Andréa Moreira de Souza Arueira

**Concepções pedagógicas sobre o papel do  
lúdico no processo de letramento e  
alfabetização na educação de infância nas  
turmas de Pré II**

— MESTRADO EM ESTUDOS PROFISSIONAIS ESPECIALIZADOS  
EM EDUCAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DAS  
ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS

dezembro

20**17**



Andréa Moreira de Souza Arueira

**Concepções pedagógicas sobre o papel do lúdico no processo de letramento e alfabetização na educação de infância nas turmas de Pré II**

Projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de

**MESTRE**

Orientação

Professora Doutora Maria José Araújo

— MESTRADO EM ESTUDOS PROFISSIONAIS  
ESPECIALIZADOS EM EDUCAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO EM  
ADMINISTRAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS



## Dedicatória

Dedico primeiramente a Deus, pois somente a Ele toda Glória.

Ao meu marido Ulisses e aos meus filhos Matheus, Lucas e Giovana

Aos meus pais Luis Carlos e Marta (in memorian)

Ao meu irmão Fábio

A toda minha família

Aos professores de Educação de Infância, pelos quais tenho imensa admiração

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar ao meu Deus que me capacitou e renovou minhas forças durante toda a jornada.

A minha Família, pois seu apoio foi fundamental para que eu conseguisse chegar a essa vitória que é nossa, a todas orações e estímulos.

A minha orientadora que me deu suporte ao meu trabalho tendo paciência e dedicação

As professoras de educação de infância que gentilmente cederam seu tempo para as entrevistas

Aos meus colegas de mestrado pelo apoio

A todos os meus alunos que me impulsionaram a aprender e ensinar

## RESUMO

Com este trabalho de pesquisa, realizado num contexto de educação de infância, procuramos compreender as preocupações pedagógicas das professoras no processo de alfabetização e letramento e mais especificamente, as potencialidades das atividades lúdicas para a aprendizagem das crianças. O processo de letramento, no Brasil, é considerado um processo de aprendizagem da leitura e escrita, que ocorre dentro de um contexto social, e para além de ser uma forma de comunicação preenche outras funções. É um desafio e uma necessidade para qualquer ser humano, faz parte das suas vidas, implica interação comunicativa e é fundamental para aprender a pensar (Batista *et al.*, 2011). Uma questão que ressalta do contacto com as professoras remete para os desafios pedagógicos e para a percepção de quais são suas reais prerrogativas. Trabalhamos com turmas de Pré II, último ano escolar da educação de Infância, que sofre algumas pressões por conta de concepções que defendem uma antecipação dos conteúdos de séries posteriores, como se fosse uma preparação com cunho tradicional para a alfabetização. Muitas das oportunidades de alfabetização e letramento, na infância, ocorrem em rotinas diárias em casa ou na escola, em brincadeiras, contação de história, rodinha, entre outras atividades de exploração lúdica, que muitas vezes passa despercebida pois, faz parte da realidade cultural de cada criança e a sua importância é desvalorizada (Mata, 2012). Mediante a todos os questionamentos encontrados, procuramos nos documentos oficiais do ministério de educação e cultura, subsídios que levassem a um direcionamento e reflexão da função do professor de infância e das concepções pedagógicas no processo incutidas. Percebendo que o trabalho pedagógico na educação de

infância no Brasil é um caminho relativamente novo, um processo ainda em curso e esperam-se muitos avanços em seu trilhar.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura, letramento, educação de infância, lúdico, brincadeira, Pré II, trabalho pedagógico.

## **ABSTRACT**

with this research, realized in a context of childhood education, we seek to understand the pedagogical concerns of teachers in the process of alphabetization and literacy and more specifically, the potentialities of ludic activities for children's learning. The process of literacy, in Brazil, is considered a process of learning to reading and writing, which occurs within a social context, and to be not just a form of communication that fulfills other functions. It is a challenge and a necessity for any human being, it makes part of their lives, it implies communicative interaction and it is fundamental to learn how to think (Batista et al., 2011). A question that emerges from the contact with the teachers refers to the pedagogical challenges and to the perception what are yours real prerogatives. We work with classes of Pre-II, the last school year of Childhood education, which undergoes some pressures due to conceptions that defend an anticipation of the later series contents, as if it were a preparation with a traditional character for alphabetization. Many of the opportunities for alphabetization and literacy, in childhood, occur in daily routines at home or at school, in games, storytelling, wheel, among other activities of ludic exploration, which very often goes unnoticed because, it is part of each child cultural reality and its importance is devalued (Mata, 2012). Through all the questions found, we sought in the official documents of the Ministry of Education and Culture, subsidies that led to a direction and reflection of the role of the preschool teacher and the pedagogical conceptions in the inculcated process. Realizing that the pedagogical work in early childhood education in Brazil is a relatively new path, a process still in progress and many advances are expected in its to tread.

**KEYWORDS:**

reading, literacy, early childhood education, ludic, play, Pre II, pedagogical work.

## **Tudo o que eu devia saber na vida, aprendi no jardim de infância**

"Grande parte do que eu realmente preciso saber sobre a vida, o que fazer, como ser, eu aprendi no jardim de infância. Não foi na universidade nem na pós-graduação que eu encontrei a verdadeira sabedoria, mas sim no recreio do jardim de infância.

Foi exatamente isto que aprendi: compartilhar tudo, brincar dentro das regras, não bater nos outros, colocar as coisas de volta no lugar onde as encontrei, limpar a própria sujeira, não pegar o que não era meu, pedir desculpas quando machucava alguém, lavar as mãos antes de comer, puxar a descarga do banheiro.

Também descobri que café com leite é gostoso, que uma vida equilibrada é saudável e que pensar um pouco, aprender um pouco, desenhar, pintar, dançar, planejar e trabalhar um pouco todos os dias, nos faz muito bem.

Tirar uma soneca todas as tardes, tomar muito cuidado com o trânsito, segurar as mãos de alguém e ficar juntos, são boas formas de enfrentar o mundo.

Prestar atenção em todas as maravilhas e lembrar da pequena semente que, um dia, plantamos em um copo de plástico. As raízes iam para baixo e as folhas iam para cima mas ninguém realmente sabia nem porque. Mas nós somos assim! Peixinhos dourados, hamsters e ratinhos brancos; e até mesmo a pequena semente do copo de plástico, tudo morre um dia. E nós também.

Tudo que você realmente precisa saber está aí. Faça aos outros aquilo que você gostaria que eles fizessem para você. Amor, higiene básica, ecologia e política, contribuem para uma vida saudável.

Penso que tudo seria melhor se todos nós - o mundo inteiro - tomássemos café com leite todas as tardes e descansássemos um pouquinho abraçados a um travesseiro. Ou se tivéssemos uma política básica em nossa nação, e em todas as coisas também, para sempre colocarmos as coisas de volta ao lugar onde as encontramos, limpando nossa própria sujeira. E ainda é verdade que, seja qual for a idade, - o melhor é darmos as mãos e ficarmos juntos!"

Robert Fulghum (1988).

## ÍNDICE

Tudo o que eu devia saber na vida, aprendi no jardim de infância	vii
LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS	x
LISTA DE TABELAS	xi
INTRODUÇÃO	1
Importância	1
1. CAPÍTULO I – revisão da literatura	7
1.1. Trajetória da educação de infância	7
1.2. Contribuições teóricas	11
1.3. Trabalho de leitura e escrita	17
1.4. Brincadeira é coisa séria	21
2. CAPÍTULO II - ESTUDO EMPÍRICO	31
2.1. Problema e Objetivos	31
2.1.1. Problema e sua justificação	31
2.1.2. Objetivo	32
- Objetivo geral:	32
- Objetivos específico:	32
2.2. Metodologia	33
2.2.1. Pesquisa qualitativa	33
2.3. Local de estudo e participantes	34
2.3.1. Local de estudo	34
2.3.2. Participantes	35
2.4. Técnicas de recolha de dados a utilizar	36

2.5. Técnicas de tratamento de dados a utilizar	36
2.6. Confiabilidade e validade	39
3. CAPÍTULO III – o que se propõe na educação infantil	40
3.1 Espaço educativo na educação de infância: onde brincadeira é levada a sério.	40
3.2 Educação infantil: espaço de alfabetização?	50
3.3 Formando leitores	55
3.5 concepções pedagógicas	57
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
5.1. Outras referencias	83
6. APÊNDICE	87

## LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

CNE ( Conselho Nacional de Educação)

CONAE ( Conferência Nacional de Educação)

ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)

INEP (Instituto Nacional Pesquisa Educacionais)

LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional)

MEC (Ministério de Educação e Cultura)

PNE ( Plano Nacional de Educação)

PPP ( Projeto Político Pedagógico)

RCNEI (Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil)

SEB (Secretaria de Educação Básica)

SEME (Secretaria de Educação Municipal de Cabo Frio)

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – matriz curricular de Cabo Frio – horário parcial.....	p.28
Tabela 2 – Currículo do eixo linguagem oral e escrita.....	p.30
Tabela 3 – professores entrevistados.....	p.36
Tabela 4 – grelha da entrevista.....	p.38
Tabela 5 - formação de professores da pré escola .....	p.69



## INTRODUÇÃO

### Importância da educação de infância

Na atualidade a educação de infância <sup>1</sup>tem tido espaço nas discussões do cenário educativo. Há uma crescente demanda de estabelecimentos que oferecem apoio educativo e social às crianças nesta faixa etária. Autores como Ariès (1986), entre outros, têm mostrado como o sentimento de infância é recente e de como a criança só muito recentemente é considerada na sua especificidade. No Brasil, a educação de infância é enquadrada na constituição federal de 1988 como um direito da criança de 0 a 6 anos de idade e dever do Estado e da família. Logo após em 1990, foi sancionada a lei nº8.069, que dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente (ECA), onde este trata mais detalhadamente dos direitos educativos e sociais das crianças e adolescentes de 0 a 18 anos. Há também estudos oficiais sobre este tema, como o referencial de educação de infância, pareceres assim como debates constantes sobre as necessidades que estão surgindo, além de ter um espaço significativo e

---

<sup>1</sup> No Brasil a **Educação Infantil** é a fase que envolve crianças de 0 a 5 anos de idade, considerada a primeira etapa da Educação Básica. Neste texto optamos pelo termo Educação de Infância – utilizado em Portugal – por considerarmos mais fiel ao trabalho que desenvolvemos. No entanto, há partes do texto em que aparece Educação Infantil por ser citação e termo utilizado na legislação em vigor no Brasil.

sistematizado na atual LDB (Lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9394/96). A LDB reforça o direito da criança a cursar a educação de infância, que passou a ser a primeira etapa da educação básica. Em emenda feita em 2013 passou a ser obrigatória a partir dos 4 anos. Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013 no seu artigo 4. “I - Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: a) pré-escola; b) ensino fundamental; e c) ensino médio.”.

Essa ascensão pode-se dizer, segundo Nunes (2011), começa com a sua entrada na Constituição que vê a criança como um ser de direitos, esses direitos são abrangentes pois refere: “[...] direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”, e direito de estar “[...] a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (art. 227, caput). A responsabilidade do segmento da educação de infância, assim como do ensino fundamental, passou a ser prioritariamente dos municípios. Diante desse novo quadro várias mudanças foram ocorrendo no cenário educativo deste segmento. O ECA, Estatuto da Criança e do adolescente também foi um ganho nesse panorama sobre a educação de infância, pois veio para somar a favor dos direitos da criança desde a primeira infância.

Os profissionais envolvidos têm lutado pelo reconhecimento do seu trabalho, todavia há conflitos de concepções entre os mesmos quando se trata da visão do que é importante trabalhar na educação de infância. A função pedagógica na escola ainda não é totalmente clara, pois muitos profissionais têm em sua prática concepções que se contrapõem aos seus discursos. Muitos estudos são recentes e muitas mudanças ocorreram em um espaço curto de tempo. O próprio referencial curricular nacional da educação de infância revela a preocupação de que, alguns profissionais, apesar das mudanças ocorridas,

ainda concebiam a educação de infância dentro de uma visão assistencialista, pois primeiramente, esta fase de ensino era voltada inicialmente para as classes mais populares,

“Modificar essa concepção de educação assistencialista significa atentar para várias questões que vão muito além dos aspectos legais. Envolve, principalmente, assumir as especificidades da educação infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas”. (Rcnei, v1.1998, p.17).

Perceber a importância de um trabalho pedagógico nas escolas de educação de infância e que este seja trabalhado de forma integral desde a tenra idade é um avanço na nossa trajetória educativa. Com esta questão começaram outros questionamentos tais como: o que é importante trabalhar com estas crianças? O que é fundamental nesta idade? Quanto a isso o referencial coloca:

“Embora haja um consenso sobre a necessidade de que a educação para as crianças pequenas deva promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, considerando que esta é um ser completo e indivisível, as divergências estão exatamente no que se entende sobre o que seja trabalhar com cada um desses aspectos.” (rcnei, v.1 1989. P. 17,18)

Muitas práticas educativas acabam, por vezes, a privilegiar alguns aspectos, em detrimento de outros. São feitas escolhas porque é compreendido, nestas práticas, que trabalhar na educação de infância com maior ênfase, os aspectos que são mais trabalhados nas séries de ensino posteriores, como por exemplo, os aspectos cognitivos, é fundamental nesta visão. Porém é uma prática que causa polêmica, por ser vista, por muitos

educadores, como não sendo a mais adequada, como é tratado no referencial de educação infantil:

“Desenvolvimento cognitivo é outro assunto polêmico presente em algumas práticas. O termo “cognitivo” aparece ora especificamente ligado ao desenvolvimento das estruturas do pensamento, ou seja, da capacidade de generalizar, recordar, formar conceitos e raciocinar logicamente, ora se referindo a aprendizagens de conteúdos específicos. A polêmica entre a concepção que entende que a educação deve principalmente promover a construção das estruturas cognitivas e aquela que enfatiza a construção de conhecimentos como meta da educação, pouco contribui porque o desenvolvimento das capacidades cognitivas do pensamento humano mantém uma relação estreita com o processo das aprendizagens específicas que as experiências educacionais podem proporcionar.” (rcnei, v1,1989. P18)

É notório a preocupação dos profissionais da área de conceber a educação de infância como uma preparação para o 1º ano, e como essa etapa não houvesse conteúdos próprios a serem trabalhados. Essa preocupação pode ser provocada pela influência da cobrança de alguns responsáveis de alunos. Esta ansiedade, por parte destes, pode ser gerada até pelas suas concepções empiricamente construídas, para que os alunos antecipem conteúdos tidos como pertinentes ao 1º ano do ensino fundamental, principalmente em relação a leitura e escrita, traz para educação de infância pressões que até então eram existentes somente nas etapas posteriores. Não se compreendendo a educação como um processo nos seus diferentes aspectos, cognitivos, sociais e culturais e apostando somente nos aspectos cognitivos, mesmo que se considerem muito importantes, fica difícil, sobretudo para as crianças. É importante salientar que todo este processo não pode ter sucesso sem se compreender o papel fundamental das expressões, da arte da cultura, do brincar. Será que os docentes têm consciência destes conflitos?

Estes questionamentos, em via de regra, não parecem levar, de fato, em consideração a importância do brincar, do cantar, do pintar, da realização da rodinha entre outros momentos e conteúdos para a aprendizagem da leitura e da escrita. Com isto perguntam: “Meu filho só pinta?” “Quando vão ensinar letra cursiva?” “Não vai copiar no caderno?” “Massinha todo dia?” São questionamentos, em muitos casos, que visam o interesse de que o aluno ingresse no 1º ano do fundamental já dominando a escrita e a leitura enquanto código. Contudo, será que a educação de infância tem que dar conta deste objetivo? Ou será que ele pode até ser atingido como consequência das competências próprias a serem trabalhadas em sala de aula?

A alfabetização em si é um processo que não começa na escola e não está somente contida em sua literatura trabalhada. A criança encontra no seu cotidiano familiar e/ou extra-escolar um mundo letrado, com isto o entendimento das práticas sociais da leitura e da escrita começam antes de sua escolarização. Tal como refere Mata (2012) diferentes tipos de intervenções (leitura de histórias, conversas, brincadeiras, etc) podem ser eficazes para melhorar a linguagem e a literacia emergente da criança.

Como trabalhar essas concepções com nossos alunos que nasceram em um mundo onde a escrita nunca esteve tão presente? Como trabalhar as curiosidades e os diferentes textos em sala de aula respeitando as fases que os alunos se encontram sem precipitações?

Essas são algumas questões foram abordadas para buscar um melhor entendimento das angústias que cercam professores e até responsáveis envolvidos no problema. Buscando conhecer a trajetória da educação de infância no Brasil e as concepções que a permeiam.

Quanto mais se aproxima ao final da educação infância no caso, nas turmas de Pré II (turmas que atendem crianças de 5 anos), mais

encontramos conflitos e tensões sobre o que é necessário trabalhar na área da linguagem oral e escrita.

Com isto, em nosso trabalho, há a preocupação em perceber, mais claramente, qual a identidade pedagógica desta fase de ensino.

Este trabalho está organizado em três capítulos.

No **primeiro capítulo** foi contextualizada a trajetória da educação de infância no Brasil em seus aspectos histórico-sociais, filosóficos, assim como as concepções de aprendizagem das crianças e a importância do brincar.

No **segundo capítulo** apresentamos como foi realizada a pesquisa, seus objetivos e metodologias utilizadas no decorrer da pesquisa.

No **terceiro capítulo** explicitamos as especificidades desta fase, dando enfoque a importância do lúdico na aprendizagem da criança de 5 anos de idade e como a ludicidade pode ajudar na aquisição da linguagem oral e escrita, tentando perceber como esta aprendizagem é retratada nos documentos e nas falas dos professores com experiência nessa faixa etária. Tendo como base a LDB, o referencial de educação infantil, pareceres e despachos oficiais e estudos sobre os documentos oficiais.

## 1. **CAPITULO I – REVISÃO DA LITERATURA**

### 1.1. **TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA**

“Crianças pequenas são seres humanos portadores de todas as melhores potencialidades da espécie: \*inteligentes, curiosas, animadas, brincalhonas em busca de relacionamentos gratificantes, pois descobertas, entendimento, afeto, amor, brincadeira, bom humor e segurança trazem bem estar e felicidade;

\*tagarelas, desvendando todos os sentidos e significados das múltiplas linguagens de comunicação, por onde a vida se explica;

\* inquietas, pois tudo deve ser descoberto e compreendido, num mundo que é sempre novo a cada manhã;

\* encantadas , fascinadas, solidárias e cooperativas desde que o contexto a seu redor, e principalmente, nós adultos/educadores, saibamos responder, provocar e apoiar o encantamento, a fascinação, que levam ao conhecimento, à generosidade e à participação.”

(Parecer CNE/CEB 22/1998, p.6 )

A trajetória da educação de infância tem tido avanços consideráveis e sobre o tema em questão há estudos que podem dar subsídios às questões aqui levantadas. Como podemos citar Ariés, assim como Kuhlmann Jr. na parte histórica, entre outros pesquisadores que trouxeram dados importantes para que pudéssemos fazer uma melhor contextualização do tema . Na parte pedagógica Froelbel, Montessori e Freinet como alguns do pesquisadores de vanguarda da prática com a primeira infância e suas teorias pedagógicas. E para

o melhor entendimento da construção do conhecimento destes pequenos alunos, pode-se citar os estudos de Piaget e Vygotsky.

Inicialmente um viés histórico se faz necessário sobre o conceito de criança, educação de infância e também sobre as concepções da aprendizagem existentes comparando, em um segundo momento com as práticas efetuadas hoje no ambiente escolar.

Atualmente temos uma LDB (Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional), assim como estudos e referenciais do MEC (Ministério de Educação e Cultura) que tratam de forma específica sobre o assunto. Estes documentos trazem a matriz pedagógica vigente que norteia o trabalho a ser realizado na educação de infância, percebendo a visão atual do aluno como ser integral, holístico:

“A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (LDB Seção II Art. 29).

Mas nem sempre foi assim, após muitas lutas realizadas pelos profissionais engajados é que foram somados os ganhos notórios nessa etapa educativa. Esta foi a primeira LDB onde a educação de infância teve um espaço efetivo. A partir de então vários estudos, pareceres foram feitos relacionados a esse segmento de ensino.

No Brasil, as mudanças sobre a importância da educação de infância, não tem sido diferente do resto do mundo. Vários fatores vêm influenciando as mudanças ocorridas. Porém será que a escola está acompanhando estas mudanças? Será que elas são benéficas para aprendizagem dos educandos?

Quais são as resistências encontradas para trabalhar com os referenciais no âmbito escolar?

O conceito e sentimento de infância tem evoluído ao longo da história, de acordo com as mudanças educativas e sociais. Na idade média a criança era criada junto com os adultos sem distinção aparente, a educação era passada socialmente, principalmente pelo exemplo dos mais velhos. A partir do século XVII, segundo Ariés(1986), houve uma mudança considerável no sentimento sobre a infância que influenciou a forma como tratamos as crianças. Esta mudança, segundo o autor citado, foi o grande acontecimento dos tempos modernos, que trouxe a preocupação com a forma de educação a ser dada as crianças.

A partir do Séc XIX e com a entrada da mulher no mercado trabalho, houve uma expansão da educação de infância, que diferente das demais etapas educativas, começou para atender as classes mais populares e tendeu a crescer com a necessidade dos pais terem um espaço para “colocar” as crianças enquanto estavam a trabalhar. Tendo a princípio uma visão assistencialista, que tinha por intenção ajudar as crianças que provinham de lares pobres, e também sanitária, onde havia a preocupação com a higiene e saúde física, pois a mortalidade infantil era muito alta naquele período.

Com o passar do tempo, a educação de infância, tornou-se uma prerrogativa das demais classes sociais e assim passou por várias mudanças para atender as novas demandas. Fazendo assim uma distinção entre as classes sociais como nos coloca Kuhlmann Jr (2015) pois para a elite era vendida uma propaganda com apelo pedagógico com orientações froebeliana e para as massas populares continuava o apelo assistencialista. A educação de infância era vista então mais como uma presente do que como um direito da criança menos favorecida socialmente.

Os jardins de infância, ou então os famosos Kingdergartens, chegam ao Brasil por influência norte americana. Este estilo de educação de infância já era aqui defendido desde Rui Barbosa<sup>2</sup> ainda na época do Império (Kuhlmann Jr,2015), logo as ideias froebelianas se propagaram pelo país. Ideias essas que tratavam a educação de forma romântica, onde as crianças eram o jardim a ser cuidado pelos jardineiros. Froebel tinha a preferência que esse trabalho fosse feito por mulheres que, segundo ele, suas qualidades maternais favoreciam ao trabalho com as crianças. Defendendo um trabalho qualificado, onde haviam estudos específicos, suas jardineiras eram tratadas como profissionais. Atualmente, o trabalho com crianças é, preferencialmente, da competência de educadores e educadoras (professoras) que têm de ter formação adequada, específica para fazer um trabalho pedagógico e de qualidade compreendendo o que é a infância e considerando as rotinas, ritmos e interesses da criança.

Nos Jardim de infância com concepções froebelianas havia preocupação com a rotina e se trabalhava com sequências fixas. Kuhlmann, coloca que apesar de reformadores como Dewey<sup>3</sup> apoiarem a concepção pedagógica ali trabalhada, faziam críticas as rígidez com que as rotinas eram tratadas. Os temas relativos à infância e à educação foram sendo enquadrados e pensados em função dos espaços públicos e privados (do lar), das relações afetivas e de toda a vida cotidiana.

---

<sup>2</sup> Rui Barbosa (1849-1923) foi um político, diplomata, advogado e jurista brasileiro. Representou o Brasil na Conferência de Haia, foi reconhecido como “O Águia de Haia”. Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras e seu presidente entre 1908 e 1919.

<sup>3</sup> John Dewey (1859-1952) conhecido como um grande defensor da abordagem de educação baseada na atividade e centrada na resolução de problemas.

Esta prática, de trabalho por tema é muito comum até na atualidade. Os professores de educação de infância, fazem um trabalho temático em função das comemorações, das datas festivas mas também sobre temas que consideram pertinentes para as crianças. Prática esta que até é muitas vezes confundida com trabalho de projeto. Por exemplo: é raro ver uma escola de educação de infância que deixe de trabalhar a cultura indígena e caracterizar seus alunos no dia 19 de Abril<sup>4</sup>. Mesmo sabendo que se pode trabalhar de outra forma, ou dentro de um projeto em outra época do ano, virou uma tradição.

## 1.2.CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

É percebido que várias concepções pedagógicas estão inseridas no cenário educativo. Há várias influências de teóricos que buscaram realizar trabalhos investigativos sobre a educação de infância respeitando suas especificidades. A educação de infância desenvolveu-se com os contributos de vários investigadores de que salientamos: Johann Pestalozzi (1746-1827) pedagogo dedicado ao trabalho educativo e ao desenvolvimento das crianças, Friedrich Froebel, alemão (1782-1852) um dos educadores mais conhecidos do Séc XIX, seguia a linha de Pestalozzi e idealizou e criou os *Jardins de Infância* como espaços específicos para as crianças; Ovide Decroly, belga (1871-1932)

---

<sup>4</sup> 19 de abril, o Dia do Índio. Esta data comemorativa foi criada em 1943 pelo presidente Getúlio Vargas, através do decreto lei número 5.540

trabalhou a partir de uma metodologia global, onde a criança começa aprender do todo para depois chegar às partes, dedicava-se sobretudo a crianças com infâncias difíceis; Maria Montessori, italiana (1870-1952) que trabalhava autonomia e atividades motoras a partir de atividades dos cotidianos, foi a mentora dos famosos “cantinho”. Apostava no trabalho colaborativo através do brincar; Célestin Freinet, francês (1896-1966) adepto de uma metodologia livre, incentivava a correspondência entre as aulas e o cotidiano das crianças, grande impulsionador do jornal escolar e do debate cooperativo sobre o trabalho em sala de aula; Lev Semenovitchi Vygotsky, russo (1896-1934) socio interacionista que defende a interação social do meio como fundamental ao aprendizado do aluno; Jean, Piaget (1896- 1980), suíço, psicólogo que deu contributos fundamentais para compreender o desenvolvimento cognitivo.

Diante de tantas indagações observo ser necessário pensar o conhecimento sobre o processo de aprendizagem dos alunos de 5 anos de idade em nossa reflexão. A psicologia trouxe uma grande colaboração a pedagogia que se baseava até então, com mais ênfase, na filosofia e na ciência. Bessa ( 2008) nos diz que o ser humano busca a explicação de como aprendemos, mas só a partir do século XX, com os estudos da psicologia, é que começam a aparecer teorias explicativas sobre o processo de aprendizagem. E a partir de então, essa aprendizagem passa a ter como definição como um processo de aquisição de novos conhecimentos a partir da troca constante, ser humano-meio.

Podemos citar em nosso trabalho, a teoria inatista, representada pelo filósofo Platão, teoria esta que defende que o individuo já traz o conhecimento em si, não sofrendo assim influência direta do meio, onde a educação serviria somente para despertar o conhecimento já existente; outra linha de pensamento, o empirismo ou ambientalismo, linha de Aristoteles que tem por afirmação a ideia contrária a primeira teoria aqui citada, onde se

defende que é o meio que influencia o ser humano diretamente, pois este indivíduo, segundo John Locke<sup>5</sup>, nasce como uma folha em branco (teoria da tabula rasa). Ambas teorias são linhas de mão única, onde o conhecimento vem somente de uma direção.

Estes pressupostos, acima citados, são questionados por Jean Piaget, pois para este não há uma via de mão única na aquisição do conhecimento, como mesmo afirma segundo Azenha que: “Além dessas estruturas biológicas básicas, o homem herda também uma forma de funcionamento intelectual, ou seja, uma maneira de interagir com o ambiente, que leva à construção de um conjunto de significados.” (1994, p.23)

Nos últimos anos, como já colocado, a educação tem sofrido forte influência da psicologia com isto buscaremos em Jean Piaget pressupostos sobre o desenvolvimento humano para melhor compreensão dos processos mencionados. O conceito de criança tem mudado e sofrido influência de seus estudos. Suas perspectivas construtivistas têm enriquecidos as práticas e discussões sobre o processo de aprendizagem. Piaget defende uma aprendizagem baseada na cooperação, onde ocorre a interação por resoluções de dúvidas e questionamento muitas vezes pelos próprios alunos, onde segundo escritos de La Taille (1992) : *“As relações (de cooperação) representam justamente aqueles que vão pedir e possibilitar esse desenvolvimento”*, mais do que na aprendizagem de coação, onde continua a autora sobre Piaget:

---

<sup>5</sup> John Locke ( 1632 – 1704), filósofo inglês. Foi professor e através do ensino estabeleceu sua teoria empirista, Defendia que o ser humano quando nasce, a sua mente é como uma página em branco (tabula rasa) que a experiência com o meio vai preenchendo

“verifica-se que o indivíduo coagido tem pouca participação racional na produção, conservação e divulgação de ideias. No caso da produção, dela simplesmente não participa, contentando-se em aceitar o produto final como válido. Uma vez aceito esse produto, o indivíduo coagido o conserva, limitando-se a repetir o que lhe impuseram.” (1992, p 19)

Piaget critica a forma de aquisição de conhecimentos, que fundamentou a prática escolar por muito tempo, onde o aluno somente recebe informações que de via de regra precisam ser memorizadas para realizações de textos, onde há uma reprodução de conhecimentos e não uma aprendizagem propriamente dita. Defendendo atividades em grupo onde a interação com outros alunos se faz fundamental. “A cooperação necessária a esse desenvolvimento tem seu início, segundo Piaget, nas relações entre crianças, daí a simpatia que ele sempre teve pelos grupos como alternativa pedagógica. (La Taille,1992 p. 20)

Com base em seus questionamentos ganha força então a teoria interacionista, onde percebemos a influência do homem no meio em que vive e a influência deste meio sobre o homem, tendo como base uma concepção construtivista.

Vygotsky, também defende os pressupostos interacionista, porém com um viés mais social, o que o intitula como sócio-interacionista, ou também sócio-histórico interacionista. Vygotsky, segundo Freitas (2000), concebe o ser humano como um ser histórico e produto de um conjunto de relações sociais:

“Na abordagem vygotskyana, o homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações que acontecem em uma determinada cultura. O que ocorre não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural em que se insere. Assim, é possível constatar que o ponto de vista de Vygotsky é que o desenvolvimento humano é compreendido não como a decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu

comportamento, mas sim como produto de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro”. (Neves e Damiani,2006, p 7)

Este teórico percebe a importância do aprendizado na fase da educação de infância onde possa através de experimentos, pela troca junto com outras crianças pois são sujeitos sociais e também pelas intervenções realizadas pelos profissionais que ali trabalham, pois segundo estudos de Oliveira (1992) sobre esse teórico a intervenção pedagógica traz avanços que não aconteceriam de forma espontânea. Pois esta intervenção acaba potencializando o desenvolvimento e quanto mais cedo houver essas interferências melhor para o desenvolvimento do indivíduo.

Também há o pressuposto que este aprendizado não deve ser dissociado da afetividade. O que é coerente quando defende o indivíduo como ser histórico e social, trabalhando o aluno como um todo que responde significativamente em seu desenvolvimento aos afetos e emoções vivenciados. Criticando aos estudos da psicologia tradicional que não levam em consideração tais aspectos, Oliveira (1992) coloca que Vygotsky afirma que a fragmentação dos aspectos intelectuais dos afetivos é um dos defeitos da psicologia tradicional, pois para ele o pensamento se origina das motivações nas quais podemos citar o interesses e o afeto.

A questão da afetividade, tão presente e importante na educação de infância, pois essa relação começa desde o ventre com a sua mãe e depois nas relações que o cerca. Não é incomum que a criança, até sua entrada na educação de infância, não tenha ficado com pessoas que não sejam do seu círculo familiar. A fase de adaptação escolar deve ser bem acompanhada por todos os profissionais envolvidos, pois essa nova interação com outros adultos

e crianças precisa ser feita com muito afeto gerando assim segurança para que o aluno possa se desenvolver de forma integral. Sendo necessário que o planejamento envolvam ações que contemplem todas as necessidades do educando.

A importância da afetividade também é dada nos estudos feitos por Wallon, onde este a vê como um processo amplo e todas as relações humanas são intermediadas de afeto, por tanto enfatiza o aluno como ser afetivo. Freinet, sobre ao tema afetividade, em sua pedagogia critica a todos educadores que não se colocam no lugar destes pequenos aprendizes:

"Se você não voltar a ser como uma criança..." não entrará no reino encantado da pedagogia... Em vez de procurar esquecer a infância, acostume-se a revivê-la; reviva-a com os alunos, procurando compreender as possíveis diferenças originadas pela diversidade de meios e pelo trágico dos acontecimentos que influenciam tão cruelmente a infância contemporânea. Compreenda que essas crianças são mais ou menos o que você era há uma geração. Você não era melhor do que elas, e elas não são piores do que você; portanto, se o meio escolar e social lhes fosse mais favorável, poderiam fazer melhor do que você, o que seria um êxito pedagógico e uma garantia de progresso (Freinet, 2004.P.24).

Nesta fala, é percebida a importância de ver a criança enquanto criança. Levando em consideração seus aspectos emocionais, afetivos, cognitivos, culturais de acordo com sua fase de desenvolvimento. Para que isto aconteça de fato é necessário um estudo aprofundando sobre o tema.

Paulo Freire (2003) nos coloca que "não há docência sem discência". (2003, p.23) Precisamos está sempre em consonância com as necessidades de nossos educandos, através da observação e estudos sobre os mesmos. Para que, como continua Paulo Freire (2003), "a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo. (2003, P.22) "

### 1.3. TRABALHO DE LEITURA E ESCRITA

Hoje, mais do que em qualquer outro tempo histórico, vivemos cercados por escritos, nossas crianças crescem cercados por estes estímulos. Há uma variedade de materiais como encartes, rótulos, logotipos, entre outros que se tornam familiares para as crianças desde muito cedo. Segundo Teberosky:

“É muito difícil que uma criança de 5 anos de idade, em nossa cultura atual, não seja capaz de reproduzir se não todas, pelo menos a maioria das propriedades do sistema de escrita, embora não possa escrever no sentido convencional do termo” (1994, p.16).

Pois a todo momento ela está envolta de materiais escritos. Ela sabe que algo está escrito, porém cria hipóteses de leitura e escrita sobre os atos que os adultos e crianças alfabetizadas fazem diariamente. Por exemplo ela vê o pai lendo jornal, então ela pega o material e começa a imitar a ação do seu pai. Meus filhos, assim como vários alunos que tive na fase inicial das hipóteses da escrita “escreviam” VFSLTGF e perguntavam o que está escrito. Quando eu dizia que não tinha propriamente uma palavra, havia, na maioria dos casos, uma expressão de surpresa, como quisessem dizer: “ Eu escrevi letras, e letras não servem para ler?” Como coloca autora citada, Teberosky, eles estendem algumas propriedades, como para se escrever preciso de letras. Mas ainda não dominam o sistema convencional, pois não sabem as regras. acham que qualquer conjunto de letras podem significar uma palavra e, inicialmente, nesse processo, não fazem nem associação com o som das letras.

Não é raro ouvir uma mãe orgulhosa falar que o filho já “lê” o rótulo de guaravita, coca-cola, trakinas entre outros. Porém essa criança ainda não lê de fato, ela associa o logotipo ao produto, fazendo uma leitura incidental. Ainda há vários conhecimentos a serem adquiridos para que ela possa consolidar seus conhecimentos sobre a escrita. Sobre isto Teberosky complementa:

“O conhecimento da linguagem escrita começa muito antes do ensino formal, que ele tem origem extraescolar. Todos conhecimentos sobre a escrita? Evidentemente que não, pois se todas as aprendizagens fossem pré-escolares não haveria analfabetismo.” (1994, p.70).

Corroborando afirmação feita acima, onde os alunos já trazem noções sobre a escrita desde antes de frequentarem a escola e para um aprofundamento dessas questões teremos auxílio nos estudos de Emília Ferreiro (1981), onde podemos ter uma melhor consciência sobre a construção da escrita pela criança, pois este ato não é natural como aprender a falar por ser uma convenção estabelecidas por grupos que utilizam da mesma linguagem. Quando já alfabetizados esquecemos a dificuldade de entender a lógica por trás deste ato. Sobre isto Azenha nos coloca que em seus estudos sobre Ferreiro:

“Na verdade, o que temos pouca possibilidade de compreender ou recuperar, porque vemos a escritas com o olhar de do alfabetizado, é a impossibilidade inicial da criança, estrangeira ao sistema, definir, como o adulto o faz, essas distinções sutis”. (1994, p.56)

Na educação de infância deve-se trabalhar com o universo escrito? Pois presencio crianças que ainda estão aprendendo falar distinguindo a função da escrita em elementos escritos diferentes. Como por exemplo manuseiam livros e falam: “Era uma vez... “. Ou ao deparar com calendário perguntam: ‘Que dia é hoje? ” O que deve ser explorado deste universo tão presente no cotidiano

dos alunos? Muitos defendem que não se deve “antecipar” conteúdos de leitura e escrita, contudo o que trabalhar com esses alunos que estão inseridos em um universo com diversos tipos de escrita desde muito cedo? Como trabalhar a função social da escrita com estes educandos?

Como trabalhar as habilidades de leitura e escrita com os alunos da educação de infância, pois desde cedo estão em contato com a língua escrita criam suas próprias hipóteses de leitura e escrita.

Muitas dúvidas sobre a problemática, mas as discussões levaram a uma ampliação de conceitos do que faz parte do universo do alfabetizado. O conhecimento sobre para que serve a escrita e seus usos, em muitos casos singulares, como por exemplo o calendário. Nos faz refletir a escrita como mais que uma codificação e decodificação. Não havia, até recentemente, um termo próprio para essa questão, segundo alguns autores, a partir de novos estudos com outros prismas sobre o assunto fez necessário essa nova terminologia para dar conta deste processo que tem tido importância crescente na educação. Segundo Soares (2004), letramento é um termo recente que também abrange o uso da escrita em suas práticas sociais o que vai além de só decodificar o alfabeto.

Contudo entender a diferença de letramento e alfabetização, os conceitos utilizados pela professora, Magda Soares, em seus estudos, têm servido como base para os trabalhos existentes nesta área. Em seus escritos Soares afirma que:

“..., é necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de

aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos” (Soares, 2004, p 97)

Há diferenças entre os processos que embora sejam distintos são indissociáveis e não existe uma ordem a ser trabalhada, ambos devem ser apresentados a criança simultaneamente, segundo a autora citada:

“Tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos. Por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita” (ibidem, 2004, p97).

Porém, Emília Ferreiro ( 2013) discorda dessa divisão dos processos, colocando que termo alfabetização deveria dar conta de toda dimensão, não havendo ao seu entender, tal cisão entre os termos. Pois ao seu ver é um retrocesso, que limita o processo de alfabetização à somente decodificação.

Levar estas discussões também para o âmbito da educação de infância tem sido um desafio. Pois, como já mencionado, os estudos na área voltados para esse segmento são muito recentes e nem sempre chegam a escola para uma reflexão, mas já com uma concepção fechada, como projetos prontos, onde o professor se reduz, em muitos momentos, a mero executor, sem ter um entendimento mais profundo sobre o que é proposto para sua prática. A identidade pedagógica ainda está em construção, e o professor de educação de infância necessita de um apoio técnico pedagógico e espaço de debates e

estudos sobre as mudanças que ainda estão ocorrendo cada vez mais rápido, no cenário pedagógico, pois a educação, felizmente não é estática. É percebido que quando estudamos historicamente, inicialmente podemos até dividir por séculos as mudanças, mas com o passar do tempo trabalhamos por décadas pois as mudanças tem se tornado mais constantes. Como trabalhar a linguagem escrita em sala de aula tem sido para muitos uma incógnita, Sonia Kramer (2002) defende a importância de haver referenciais próprios para educação de infância. Porém depara com a municipalização desse segmento, que foi feita de maneira rápida com condições precárias, principalmente nas regiões socialmente menos favorecidas. A autora preocupa-se e indaga o que estes profissionais sabem sobre as mudanças e referenciais feitos e, principalmente se foram ouvidos e suas realidades condizem com as propostas a eles apresentadas.

Percebe-se a importância da formação continuada desse profissional, que precisa estar acompanhando as mudanças e as discussões ocorridas sobre o tema. O professor precisa ter conhecimento para trabalhar com seus alunos, assim afastando de vez a ideia, de alguns leigos no assunto, que professor de educação de infância tem função de babá, tendo assim, um olhar meramente assistencialista.

#### **1.4. BRINCADEIRA É COISA SÉRIA**

Quando um aluno começa a frequentar o ensino fundamental não é raro ouvir que agora ele vai começar a estudar ou então agora sim tem que ser levado a sério o seu desenvolvimento. Pergunto-me que conotação tem a

palavra seriedade nesta frase. Quando perguntamos às crianças sobre o que fizeram na escola, muitas, já trazem desde cedo, um traço de uma concepção tradicional, pois respondem “Não fiz nada, só brinquei<sup>6</sup>”. Esta frase, remete nas grande maioria das vezes, a reprodução da fala de seus responsáveis, que não conseguem, por via de regra, conceber ainda a atividade lúdica como educativa pelo tipo de concepção pedagógica vivenciada em seu tempo escolar. Como nos coloca Oliveira (2012):

“Concepções antigas de educação ofereciam às crianças um ambiente quase sempre marcado por restrições, ordens inquestionáveis, organização rígida dos espaços, tempo definido pelos adultos, exigência de silêncio e pouca interação” (2012 p,97).

Lembro-me uma vez, que trabalhei com recorte e colagem de formas geométricas de várias cores e tamanhos, explorando os atributos das formas, por fim criamos objetos a partir das formas. Ao final da atividade, meu aluno de 5 anos me perguntou: “Tia, que horas vamos começar a estudar?”

Como então mudar essa concepção sobre a brincadeira, fazendo que ela seja entendida como parte do processo educativo? Araujo( 2013) coloca que o ato de:

“Brincar aparece vulgarmente como actividade “gratuita”, ligada à distração e irresponsabilidade das crianças. Mas a actividade, sendo aparentemente “inútil”, é absolutamente necessária para o bem-estar da criança e para o seu desenvolvimento pessoal e social. Embora “inútil” do ponto de vista imediato, brincar tem uma enorme

---

<sup>6</sup> Experiência vivida por mim como professora e supervisora educacional de educação de infância

importância para a consolidação e aprendizagem das crianças em todos os contextos” (2013, p.2 )

No art.9 da resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que fixa as diretrizes Curriculares nacionais da educação de infância coloca que: “As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira...” Percebe-se que nesta fase educativa tão singular, o discente necessita destas atividades interativas e lúdicas. Essa premissa é defendida por Freinet, que realizou um trabalho de vanguarda com seus alunos, com aulas passeios, confecção do livro da vida entre outras atividades lúdicas e significativas. Contudo, que nos dias de hoje, ainda por alguns, não são vistas com aprovação.

Vivemos em uma época de antecipação e imediatismo, onde o tempo livre é escasso. Muitas crianças realizam multitarefas e pouco tempo sobra para explorar o mundo em sua volta. Desde a tenra idade estão envolvidas com pressões futuras. No entanto, as brincadeiras, muitas vezes, não estão inseridas no seu cotidiano, mais ainda as brincadeiras coletivas, que necessitam de interação com outras crianças. Na escola de educação de infância o brincar deve parte do processo de ensino aprendizagem nas diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Básica corrobora com esta afirmação dizendo que

“Uma atividade muito importante para a criança pequena é a brincadeira. Brincar dá a criança oportunidade para imitar o conhecido e para construir o novo, conforme ela reconstrói o cenário necessário para que sua fantasia se aproxime ou se distancie da realidade vivida, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que dele se faz. ” (2013 p87).

No cotidiano escolar, tenho ouvido a queixa de professores, supervisores, em reuniões pedagógicas, que cada vez mais as crianças chegam ao ambiente escolar sem conhecerem brincadeiras, que antes eram corriqueiras, também, essa percepção tem sido mais trabalhada em estudos que tratam sobre o resgates de brincadeiras e reuniões de educação de infância. Pois com urbanização, cada vez se torna mais difícil as brincadeiras nas ruas, além de outros fatores sociais, como a violência e a falta de tempo dos responsáveis em proporcionar esses momentos de lazer. Sobre essa percepção, Kishimoto (2001) nos coloca que:

O brincar era possível nas ruas, quintais, nas casas espaçosas que abrigavam uma família ampliada com avós, tios, amigos. Nesse “locus”, a socialização e o aprender novas modalidades de brincadeiras eram o ofício da criança. Construía-se piões de madeira, cascas, sementes de frutas e legumes; bonecas de espigas de milho e palha, acompanhadas de histórias dos tempos passados. Hoje, os pais não têm tempo. Guardaram nas gavetas do passado seus sonhos, sua história, brinquedos e brincadeiras e compram brinquedos para os filhos. ... Com a urbanização, industrialização e novos modos de vida, esqueceu-se a criança, encurtou-se a infância, a criança tomou-se um precoce aprendiz.” (2001, p.10,11)

As crianças são nativas digitais, nasceram numa época em que a tecnologia de informação e comunicação faz parte das suas vidas. Assim, se não forem criadas as condições para brincar ao ar livre ou brincar com o grupo de colegas na escola ou noutros locais o mundo virtual é o que elas conhecem de mais fascinante. É nesse sentido, que autores como Brougère (1998), Araujo (2012) e outros referem que o brincar precisa de treino. As crianças precisam de alternativas lúdicas para poderem explorar e experienciar diferentes abordagens pedagógicas.

A escola então tem feito um papel de resgate onde os alunos tem o acesso a essas brincadeiras tão importantes para o trabalho pedagógico, podemos aqui citar: amarelinha, corda, elástico, bambolê entre outras que trabalham a coordenação motora, o esquema corporal entre outros aspectos. No referencial curricular de educação de infantil, documento anterior ao acima citado (1998 v.1), coloca sobre essa importância que vem sendo consolidado cada vez mais:

“Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, **brincadeiras** e aprendizagens orientadas de forma integradas e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural” (1998. p.23 grifo nosso).

A brincadeira nos dá condições para perceber como a criança está assimilando as competências trabalhadas, sendo fundamental no desenvolvimento do aluno em todas etapas do ensino de infância. Pois:

“A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não-brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tem domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre brincadeira e a realidade imediata que lhe ofereceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada.” (1998,p.27)

O lúdico tem uma função específica e fundamental na educação de infância, está relacionada as necessidades dos alunos de reconhecer o mundo a sua volta e de assimilar conceitos. Pois através da brincadeira muitos conceitos são compreendidos e assimilados. A brincadeira para criança não é vista da mesma forma que o adulto vê. Por isso a importância de adotar o lúdico como ferramenta metodológica, onde a brincadeira possa ser tratada com seriedade, percebendo seu valor no desenvolvimento da criança.

Por que para muitos envolvidos com essa etapa educativa não dão a devida importância ao lúdico na educação de infância mesmo alguns sabendo de sua importância nesta fase? Talvez por falta de conhecimento de como trabalhar de fato pedagogicamente com a brincadeira. Existe uma visão errônea, ainda por conta de muitos e até por profissionais da educação de outros segmentos, sobre a importância da brincadeira na educação de infância e como esta ajuda no desenvolvimento do aluno em todos os aspectos, inclusive no cognitivo. Sobre a importância da ação de brincar Araujo coloca:

“O acto de brincar, significa a possibilidade que as crianças têm de desenvolver habilidades motoras, perceptivas, cognitivas e sociais. A criança quando brinca comanda a situação, tem o controlo da sua brincadeira, percebe do que é e não é capaz e isso é essencial para a sua auto-estima e, assim, para a sua relação com os outros, em especial com o grupo de pares.” (2013,p.1)

Tenho a experiência de professores advindos do ensino fundamental que optaram por trabalhar na educação de infância por ter uma visão errônea de ser mais “fácil”. Porém, perceberam que o processo deste segmento é bem mais dinâmico tendo a necessidade de estudos e de um planejamento bem estruturado.

Existe uma rotina peculiar nesta faixa etária, entre as atividades de rotina podemos citar a rodinha, atividade específica e de suma importância na

educação infância onde é trabalhada toda rotina e introduzidos os conteúdos do dia. Percebo, durante minha trajetória enquanto supervisora escolar, na fala de muitos professores que esses têm consciência da sua importância, todavia, alguns demonstram ser uma “perda de tempo” trabalhá-la diariamente ou de forma mais prolongada. “A rodinha é importante, mas tenho conteúdos para trabalhar e não posso ficar muito tempo nela”. O que é conteúdo na educação de infância? As Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil/2009 coloca que as escolas de educação de infância são instituições de caráter educativo não doméstico com a função de cuidar e educar crianças de 0 a 5 anos de forma intencional. Salles e Farias (2012) colocam que as pessoas que trabalham com estas crianças devem levar em consideração sempre esses dois eixos: educar e cuidar, pois:

“Isso significa dizer que, a função da extrema dependência motora, afetiva e cognitiva do ser humano, nessa etapa da vida e da sua gradativa possibilidade de autonomia, é fundamental que na instituição de educação infantil se favoreça a apropriação de conhecimentos, valores, procedimentos e atitudes. Ao mesmo tempo, deve promover o bem-estar da criança, por meio de atendimento às suas necessidades básicas e relacionais, em clima de afetividades.” (2012, p. 68,69)

Os conceitos acima citados, cuidar e educar, devem estar bem claros na visão do educador para que se possa compreender os conteúdos adequados a serem trabalhados nessa faixa etária de forma que não se prive o aluno das suas reais necessidades e nem tampouco se exija precipitadamente, criando uma frustração, em muitos casos para ambos, professor e aluno.

Na rede Municipal de Cabo Frio a matriz curricular de horário parcial<sup>7</sup> está assim montada: :

Tabela 1- Matriz curricular

Âmbitos de Experiência		Creche II	Creche III	Creche IV	Pré I	Pré II
Eixos	<b>1 – Formação Pessoal e Social</b>					
	- Identidade e Autonomia	*	*	*	*	*
	- Cooperação	*	*	*	*	*
	- Responsabilidade	*	*	*	*	*
Eixos	<b>2- Conhecimento de Mundo</b>					
	- Movimento	*	*	*	*	*
	- Música	*	*	*	*	*
	- Artes Visuais	*	*	*	*	*
	- Linguagem Oral e Escrita	*	*	*	*	*
	- Natureza e Sociedade	*	*	*	*	*
	- Matemática	*	*	*	*	*
Categorias curriculares		Conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais				

\*Sempre presente.

Estando dividida em dois âmbitos de experiência, cada qual com seus eixos que são trabalhados por todos os anos de escolaridades. Cada eixo está dividido em três categorias: conteúdos, competências e habilidades.

---

<sup>7</sup> Estou citando a matriz curricular de horário parcial por ser a utilizada na escola onde foi realizada a pesquisa.

O eixo linguagem oral e escrita, onde vamos nos ater mais nessa pesquisa, está assim definido no referencial de educação de Cabo Frio, o rede infantil (2008, p.58)

Tabela 2 currículo eixo linguagem oral e escrita

COMPETÊNCIAS	CONTEÚDOS	HABILIDADES
* Adequação da linguagem às diferentes situações comunicativas, reconhecendo os papéis do <b>EU</b> e do <b>OUTRO</b> na comunicação.	*A linguagem como possibilidade de comunicação de sentidos, desejos e idéias.	* Adequar a fala às diferentes situações comunicativas. * Comunicar seus sentimentos, desejos e fatos cotidianos de forma a ser entendido pelo grupo.
* Utilização da linguagem oral para comunicar e expressar desejos, necessidades, opiniões e sentimentos no relato de suas vivências nas situações de interação de seu cotidiano.	* Linguagem oral (falar/ ouvir)	* Descrever emoções e sensações experimentadas em diversos contextos. * Dramatizar histórias, situações vividas e criadas pelo "jogo simbólico". * Ampliar seu vocabulário através da descrição de pessoas, objetos, cenas e situações. * Relatar experiências vividas, narrando os fatos em seqüência temporal e causal. * Reproduzir oralmente jogos verbais como trava-líguas, parlendas, adivinhas, poemas e canções, observando a entonação e o ritmo.
* Identificação no seu dia-a-dia de situações nas quais se faz necessário o uso da leitura e da escrita.	* Linguagem escrita (ler/escrever)	* Utilizar em situações de leitura e/ou escrita as diferentes modalidades de linguagem: histórias, poesias, quadrinhos, piadas, músicas, adivinhas, provérbios, brinquedos cantados, audiovisuais, gestos, pinturas e ilustrações. * Utilizar a estrutura básica da linguagem (substantivo, verbo e complementos) nas situações comunicativas. * Explorar a literatura infantil como fonte de identificação simbólica, de prazer e entretenimento.
* Utilização expressiva do TEXTO em situação de leitura e escrita nas diversas modalidades de linguagem.	* Construção textual: - individual e/ou coletiva; - verbal (oral e escrita); - não-verbal (imagens e gestos)	* Desenhar livremente, representando a intenção comunicativa através da narração ou descrição do mesmo. * Descrever a seqüência (temporal e/ou causal) dos fatos de uma história, sejam elas vividas, em material impresso (desenhos, livros e gravuras) ou audiovisual. * Perceber o "ritmo" para a leitura de textos diversos (músicas, poemas, parlendas, etc.). * Produzir textos (orais/escritos/imagens) em situações de comunicação: dramatização, livros, convites, receitas, etc., usando as modalidades de linguagem como expressão.
* Percepção da relação entre o que é falado e o que é/está escrito.	* A palavra no contexto	* Reconhecer e escrever o próprio nome, os dos colegas e palavras contextualizadas. * Escrever utilizando o conhecimento de que dispõe, no momento, sobre o sistema de escrita da língua materna.

No documento apresentado acima, não há separação por fases, ou faixa etária. De acordo com os anos de escolaridade, as escolas montam os planos de curso a serem trabalhados durante o ano letivo.

Há o cuidado de ressaltar no rede infantil (2008) que a construção da linguagem não deve ser confundida, em nenhum momento, com metodologias e procedimentos didáticos do ensino formal.

## 2. **CAPÍTULO II - ESTUDO EMPÍRICO**

"Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade". (p. 86 1998 Paulo Freire)

### 2.1. **PROBLEMA E OBJETIVOS**

#### 2.1.1. **Problema e sua justificção**

Neste trabalho refletimos sobre algumas das muitas concepções contidas sobre a leitura e escrita na educação de infância, pois percebemos ser um tema atual e pertinente. Esses conflitos são existentes no cotidiano escolar com muita frequência, e acabam por afetar na forma como a escola trabalha a produção de conhecimento do aluno e sua formação, por muitas vezes, antecipando pressões existentes em etapas posteriores.

Não é, contudo, um problema específico da escola em questão, pois essa angústia está na fala de vários profissionais da educação, responsáveis de diversas regiões do país e com quem fui tendo oportunidade de dialogar, informalmente em debates e outras ocasiões e encontros educativos, inclusive já discutido em normatizações do MEC e em seus referenciais.

O estudo do tema procura trazer mais clareza sobre as concepções existentes fazendo sua trajetória no cenário educativo, e buscando formas de

como a escola pode se posicionar diante dos dilemas enfrentados, assim como ter um conhecimento maior das competências necessárias a serem trabalhadas com discentes de 5 anos de idades, e trazendo contribuições para o tema em questão, contribuindo para uma melhor prática pedagógica.

### 2.1.2. Objetivo

#### - Objetivo geral:

- Compreender as concepções pedagógicas existentes sobre o papel do lúdico no processo de alfabetização e letramento do professor na educação de infância nas turmas de Pré II

#### - Objetivos específico:

- Compreender a trajetória da educação de infância e as influências sofridas.
- Perceber nas práticas de leitura e escrita a importância do lúdico na aprendizagem da criança de 5 anos de idade.
- Perceber que tipo de concepções pedagógicas estão inerentes às práticas de leitura e escrita na educação de infância.

## 2.2.METODOLOGIA

### 2.2.1.Pesquisa qualitativa

Muitos questionamentos e dúvidas estão em nosso cotidiano, várias vertentes são pontos de partidas, porém a curiosidade em desvendá-lo e procurar intervir na prática do modo mais apropriado a nossa realidade tem nos movido a entrar no mundo da pesquisa. De forma geral, não começamos uma pesquisa do zero, buscando então em outros estudos que foram realizados sobre o tema as suas aplicabilidades. Contudo temos em nossa realidade fatores que diferem e assemelham do que já foi estudado. A pesquisa deve ser um ato constante do profissional da educação, pois quando procuramos resolver dúvidas pertinentes no momento de reflexão outras questões aparecem criando assim um ciclo de busca do conhecimento, que felizmente não tem fim. Por isso Demo defende que a pesquisa deve ser inserida como:

“...atividade cotidiana considerando-a como uma atitude, um questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”. Demo (1996, p.34)

Acreditamos ser mais adequada para essa pesquisa uma metodologia qualitativa onde pretendemos perceber as práticas dos professores. Minayo, vendo por um prisma mais filosófico, considera a pesquisa como:

[...] atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza

frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação (2011, p. 17)

## 2.3.LOCAL DE ESTUDO E PARTICIPANTES

### 2.3.1.Local de estudo

Nosso campo de estudo fica na região mais desenvolvida economicamente do Brasil , a sudeste. Em um dos principais Estados da região e do País, Rio de Janeiro. O município pesquisado não é metropolitano, fica na região dos Lagos: Cabo Frio, conhecido pelas suas belas praias e sua história, completando esse ano 402 anos de fundação. Mas sua história começa desde de 1503 quando aqui chegou Americo Vespucio.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal de educação de infância, situada no 1º distrito da cidade, no bairro de zona urbana, atende crianças de 2 a 5 anos. (Creche III ao Pré II.) A escola foi fundada em 2012 sendo a junção de duas escolas de educação de infância que funcionavam em casas alugadas. Atendendo a vinte e duas turmas todas funcionando em horário parcial divididas em dois turnos. Situada no bairro Parque Burle, em zona urbana, atende alunos da localidade e arredores com cerca de 344 alunos, sendo que destes 120 matriculados nas turmas de Pré II. Os professores têm horários em aulas hora (50 minutos), sendo que cada turma tem um professor de 14 tempos, um professor de 7 tempos, 2 tempos de educação física, 2 tempos de leitura e artes totalizando 25 tempos distribuídos na semana em 5 tempos por diários. O município tem um referencial de educação de infância que está sendo reestruturado. Os professores cumprem 4 tempos de planejamento na escola

O recorte da minha pesquisa será com as turmas de Pré II, último ano da educação de infância, onde acaba tendo mais pressão para que aconteça um trabalho de preparação para a etapa posterior.

Farão parte deste universo da pesquisa professores com experiência nesse ano de escolaridade. A escola atende a seis turmas sendo três no primeiro turno (manhã) e três no segundo turno (tarde) com uma média de 20 alunos por turma.

### 2.3.2.Participantes

Fizeram parte desta pesquisa professoras com experiência com turmas de Pré II, que trabalham na escola atualmente.

Tabela 3

Entrevistas			
Participantes	Idade	Tempo de experiência	Formação
P1	48	30	matemática
P2	28	9	Curso normal ( nível médio)
P3	35	17	Ciências biológicas
P4	51	33	Pedagogia (cursando)
P5	40	15	Ciências biológicas

P6	48	28	matemática

## 2.4.TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS A UTILIZAR

Foi utilizada entrevista semi-estruturada (guião em anexo) a educadoras/professores com experiência em turmas de pré II (responderam a 20 perguntas que foram gravadas). Foi efetuada observação não participante para além da recolha documental e da análise e leitura de estudos de referência.

## 2.5.TÉCNICAS DE TRATAMENTO DE DADOS A UTILIZAR

As perguntas da entrevista semi-estruturada realizada foram elaboradas levando em consideração as indagações que foram surgindo no processo de pesquisa. Buscando assim entender melhor o problema da pesquisa, pois segundo Minayo:

“Entendemos como pesquisa atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Por tanto, seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido em primeiro lugar, um problema da vida prática” (1994, p.17)

Os dados foram obtidos através da entrevista realizada, estas por sua vez foram gravadas, ouvidas e transcritas. Foi feita uma análise de conteúdo de blocos de acordo com a categorização elaborada. Através da análise de conteúdo podemos constatar algumas das concepções pedagógicas destas educadoras entre outras questões. Os dados recolhidos foram analisados e triangulados com os documentos oficiais e leituras que fazem parte das referencias bibliográficas.

Grelha de Análise de Conteúdo das Entrevistas com professores que atuam no Pré II

Tabela 4

categorias	subcategorias	subcategorias
1- Entendimento sobre lúdico	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Importância da atividade lúdica</li> <li>• Prática da atividade lúdica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Frequência da utilização de brincadeiras</li> <li>• Diferenciação entre lúdico e não lúdico</li> </ul>
2- Leitura e escrita na educação infantil	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Potencialização nas atividades de linguagem oral e escrita</li> <li>• Pressões externas (responsáveis)</li> <li>• Competências e habilidades de leitura e escrita no Pré II</li> <li>• Conhecimento das prerrogativas de leitura e escrita na educação infantil</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consciência das possibilidades de aprendizagem através do lúdico</li> <li>• Identificação das brincadeiras mais utilizadas pelos professores</li> <li>• Concepções de atores envolvidos no processo (professor e responsáveis)</li> <li>• Uso de contação de história em sala</li> </ul>
3- Importância da leitura cotidiana	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Importância de ser leitor para a formação de leitores</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso da contação de história em sala</li> <li>• Frequência de leitura no cotidiano do professor</li> </ul>
4- Formação continuada	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valorização profissional</li> <li>• Atualização</li> <li>• Conhecimento dos documentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formas de atualização e estudos sobre a área de atuação.</li> <li>• Fontes utilizadas</li> </ul>

	oficiais de educação infantil	<ul style="list-style-type: none"><li>• Participação na construção dos documentos que são norteadores do trabalho na educação infantil.</li></ul>
--	-------------------------------	---

## 2.6.CONFIABILIDADE E VALIDADE

A entrevista semi-estruturada, contendo 20 perguntas, foi realizada com autorização das professoras e da escola, validada pela orientadora da pesquisa e realizada com todas entrevistadas no mesmo local, porém individualmente, para que não houvesse influências nas respostas obtidas.

As entrevistadas são professoras com experiência e todas as respostas foram gravadas e transcritas.

### 3. **CAPÍTULO III – O QUE SE PROPÕE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

O bom agricultor, ou o ciclo da educação

“A educação não é uma fórmula de escola, mas sim uma obra de vida. Há agricultores ditos modernos ou científicos que se gabam de obter uma boa colheita, quaisquer que sejam as condições do solo, do clima, da luz ou do esterco. Mas que abundância de enxofre e arseniatos, de inseticidas e caldas! Se isso não é suficiente, escondem-se os cachos de uvas em saquinhos protetores e colhe-se a pêra ainda verde, para guardá-la sobre uma camada de algodão onde amadurecerá à vontade. O fruto está salvo, e tem bom valor de mercado. Mas está tão impregnado de tóxicos, que se torna veneno para quem o consome. E a árvore que o deu, esgotada e ferida antes do tempo, seca antes mesmo de ter ousado lançar para o céu os seus braços audaciosos. É já na semente, ou no broto, que o jardineiro prudente cuida e prepara o fruto que virá. Se esse fruto é doente, é porque a própria árvore que o gerou estava enferma e degenerada. Não é do fruto que se deve tratar, mas da vida que o produziu. O fruto será o que fizerem dele o solo, a raiz, o ar e a folha. Deles é que deveremos cuidar, se quisermos enriquecer e garantir a colheita. Se um dia os homens souberem raciocinar sobre a formação dos seus filhos como o bom agricultor raciocina sobre a riqueza do seu pomar, deixarão de seguir os eruditos que, nos seus antros, produzem frutos envenenados que matam ao mesmo tempo quem os produziu e quem os come. Restabelecerão valorosamente o verdadeiro ciclo da educação: escolha da semente, cuidado especial do meio em que o indivíduo mergulhará para sempre as suas raízes poderosas, assimilação, pelo arbusto, da riqueza desse meio. A cultura humana será, então, a flor esplêndida, promessa segura do fruto generoso que amadurecerá amanhã. (p. 13, 2004 Freinet)

#### 3.1 ESPAÇO EDUCATIVO NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA: ONDE BRINCADEIRA É LEVADA A SÉRIO.

Nas entrevistas realizadas, a primeira pergunta feita foi sobre o entendimento dos professores sobre o que vem a ser uma atividade lúdica. Palavras como, prazer, motivação, diversão tanto para o aluno como para o professor surgiram nas respostas. Dando um entendimento de que há uma consonância nas respostas sobre que a atividade lúdica é uma atividade que representa um bem-estar. Luckesi (2005) nos diz que a atividade lúdica nos leva a um estado de plenitude,

Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis. (2005, p.2).

As professoras entrevistadas expressam em suas respostas, que o lúdico tem um papel importante no desenvolvimento do aluno, pois percebem que a criança necessita destas atividades para um melhor aprendizado. Foi também colocado, pelos docentes, que a dinâmica da atividade lúdica traz maior interesse e prazer para os alunos. Com isto, são realizadas essas atividades constantemente pelos professores entrevistados, pelo menos 1 vez por semana. Segundo o RCNEI, em seu primeiro volume :

“A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não-brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação

transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada”. (1998, RCNEI v1 p.2)

Pela brincadeira ocorre uma interação mais espontânea entre os alunos e o adultos envolvidos, pois há uma dinâmica propícia para que isso aconteça. Tornando assim, um recurso didático importante no processo de aprendizagem da criança. Através da observação das brincadeiras podemos perceber o que o aluno já vivenciou seja na escola, em casa, ou no seu meio social e os significados ali, naquela ação atribuídos. Nas brincadeiras de faz de conta, em geral, o aluno, imita os personagens que ele tem contato, brincando de casinha, escola, e de outros espaços que fazem parte do seu cotidiano. Mostrando assim sua leitura de mundo através da imitação.

A brincadeira motiva, despertando o interesse em aprender, faz parte do ofício do professor, neste caso, especificamente, o professor de infância incentivar a brincadeira entre seus alunos. Celso Antunes (2012) coloca que um professor que tem motivação tem como objetivo que seu aluno construa sua aprendizagem de forma significativa e por consequência motiva seus alunos ao aprendizado.

Em alguns relatos da entrevista dada pelas professoras, em relação as turmas de Pré II, por ser o último ano da educação de infância é visto a importância do brincar nesse ano de escolaridade, todavia as atividades mais formais começam a ter um espaço maior por conta até da preocupação com a mudança de segmento de ensino no ano posterior.

Alguns professores citaram que através das atividades lúdicas pode-se trabalhar a cooperação, o respeito com o grupo, a lidar com a frustração entre outros aspectos de âmbito social. Há a consciência, em suas falas, que as atividades lúdicas potencializam a interação do aluno com os demais alunos e com os outros adultos inseridos em seu meio social, desenvolvendo confiança nas práticas em relação a natureza e a sociedade que está inserido. Percebendo assim a importância não somente dos aspectos cognitivos.

Contudo os aspectos cognitivos, não deixam ser trabalhados nas atividades lúdicas, pelo contrário, acabam ganhando mais espaço através do trabalho com os jogos fonológicos que potencializa e aguça a curiosidade sobre linguagem oral e escrita do aluno.

Através das atividades lúdicas habilidades são adquiridas através do trabalho integrado de vários conteúdos. Por exemplo, pintar seja com lápis ou pincel, andar pela linha, pular, rasgar papel, fazer bolinhas de papel de diferentes tamanhos, brincar com massinha entre outras atividades principalmente feitas com o corpo são imensamente importantes para que o aluno possa desenvolver uma boa caligrafia, tenha noção espacial, consiga copiar do quadro entre outras habilidades que o acompanharão durante sua vida acadêmica. Porém essas atividades são questionadas por não reconhecerem a sua função pedagógica no desenvolvimento da criação. Pois não é o fazer por fazer. Existe uma fundamentação teórica incutida nas atividades realizadas com os alunos. O Referencial Curricular de Nacional de Educação Infantil (1998) corrobora esta questão quando coloca que:

É grande o volume de jogos e brincadeiras encontradas nas diversas culturas que envolvem complexas seqüências motoras para serem reproduzidas, propiciando conquistas no plano da coordenação e precisão do movimento. Contudo nem sempre são reconhecidas sua função no trabalho pedagógico realizado. (.1998,p.24 rcnei v3)

Como afirma Oliveira (2005) a brincadeira cria condições propícias para uma transformação significativa do aprendizado infantil. Pois por meio destas a criança compreende melhor o meio que o cerca, permitindo a construção de novas possibilidades de ação.

É necessário ter consciência da importância da brincadeira e compreender sua função nesta faixa etária para que possa ter uma prática mais contundente com seus alunos para que estes consigam alcançar as competências próprias

da educação infantil. Antunes (2012) tem a preocupação com a seleção dos jogos e brincadeiras realizados com as crianças. Deve haver planejamento e objetivos que estejam em consonância com os interesses e necessidades dos alunos. em questão. Pois é importante que o aluno brinque, mas é importante que ele interaja e reflita sobre os seus procedimentos, valores incutidos e a socialização que a atividade possa proporcionar.

Antunes (2012) aponta também para ilusão de alguns professores em pensar que toda brincadeira está se desenvolvendo com as crianças é uma atividade uma atividade educativa. Sobre isso ele afirma:

“A verdadeira atividade educativa, a partir de jogos e brincadeiras, requer que estas não apenas alegrem, como também ensinem. Não somente ensinem como ensinem significativamente, estruturando a personalidade infantil e refletindo conceitos e valores correspondentes ao planejamento organizado”. (2012, p.27)

Os direcionamentos das brincadeiras são mais utilizados pelos professores entrevistados por entenderem que a brincadeira livre pode perder os objetivos traçados para aquele momento. A preferência por estas atividades direcionadas estar ligadas a um controle maior, seja do tempo, do conteúdo que se quer trabalhar, do espaço físico entre outros fatores. Sobre esse direcionamento o RCNEI nos coloca a importância do professor como mediador do conhecimento, como principal parceiro para que o aluno possa ter garantido um ambiente rico, saudável, prazeroso propiciando diversas experiências educativas e sociais.

“A intervenção do professor é necessária para que, na instituição de educação infantil, as crianças possam, em situações de interação social ou sozinhas, ampliar suas capacidades de apropriação de conceitos, dos códigos sociais e das diferentes linguagens, por meio da expressão e comunicação de sentimentos e ideias, da experimentação, da reflexão,

da elaboração de perguntas e respostas, da construção de objetivos e brinquedos, etc. ( 1998, p.30, Rcnei v.1)

Cabe ao professor o bom senso de perceber as demandas de suas turmas, suas características. Freire (2003) sobre esta questão ressalta a importância do bom senso, pois para ele, o bom senso, que adverte sobre a importância de como interagir e ser mediador exercendo dessa forma a autoridade de professor, orientando os alunos tanto nas atividades coletivas quanto individuais. Tendo perspicácia de saber o momento de intervenção com os alunos. Para isso tem que estar claro o objetivo ali planejado, mas tendo flexibilidade diante das situações que vão acontecendo no decorrer da atividade.

Mas qual seria o objetivo das brincadeiras mais livres? Nessas atividades, o professor seria mais um expectador e pode observar e perceber várias aprendizagens obtidas pelos seus alunos. Lembro uma vez que trabalhando com alunos de 5 anos, após as atividades dirigidas deixava eles brincarem mais livremente. Então resolveram brincar de dança das cadeiras. Fiquei observando a preparação da brincadeira. No primeiro momento cada um trouxe uma cadeira e fez uma roda. Começaram a cantar e quando a música parou todos sentaram. Então perceberam que algo estava errado. Mas o que? Deveria sobrar um. Então novamente fizeram a brincadeira, e de novo todos sentaram. Após uma discussão do grupo chegaram à conclusão que tinham que tirar uma cadeira. Fizeram novamente a atividade e deu certo. Felizes realizaram a atividade novamente, mas não deu certo. Pois não haviam tirado outra cadeira. Então perceberam o erro e a brincadeira seguiu até o final. Não foi fácil ficar quieta e deixar que eles chegassem a conclusão, mas foi muito interessante vê-los chegando as suas próprias conclusões e colocando-as em prática. Naquele momento, pude observar várias competências já adquiridas pelos alunos. Talvez uma confusão feita pelo professor, nessa atividade, seja pensar que uma atividade não direcionada por ele não deva ser observada ou avaliada. Nesse

momento é fundamental ter uma visão de pesquisador. Perceber o quanto pode aproveitar das observações feitas. Segundo Oliveira (2012) “A observação é um dos mais importantes instrumentos utilizados pelo professor. Exige colocar em ação um processo investigativo”. (p. 365.2012) Pois várias habilidades podem ser percebidas nas brincadeiras mais espontânea. A criança tende a imitar o que vivencia em suas relações sociais e assim exteriorizar seus conhecimentos adquiridos. Nessas observações pode-se perceber o que o aluno tem apreendido e incorporado em seu conhecimento quando utiliza essas práticas nos papéis desempenhados em suas brincadeiras e atitudes. É importante segundo Oliveira que o professor faça um registro destas observações feitas, descrevendo os detalhes das situações observadas. Um caderno de bordo ou diário de campo se torna necessário nesses momentos, pois são importantes para o processo de avaliação dos alunos.

A maioria dos professores entrevistados, acredita na parceria da brincadeira e atividades formais, onde a criança, no entender desses profissionais, necessitam sistematizar os conhecimentos trabalhados nas atividades lúdicas. Essas atividades ocorrem em forma de registro coletivo ou individual. E muitos percebem o quanto os jogos e brincadeiras contribuem para que o aluno estabeleça uma relação significativa com o conteúdo aplicado. Através dessa sistematização, seja coletiva ou individual, feita pelo aluno ou pelo professor, o aluno tem contato com uma linguagem escrita dinâmica, onde ele vê acontecendo e sabe o que precisa ser registrado e porque. O registro pode ocorrer através de desenhos, a própria escrita convencional pelo professor ou pela sua escrita espontânea. Ressaltando a importância desses registros e sua função.

Essa concepção do uso do lúdico na aprendizagem não é recente. Freinet nos deu a contribuição das aulas passeios, livro da vida. Também trabalhava com registros onde os alunos faziam autoavaliação, jornal da turma, prática esta que já realizada pelo educador belga Ovide Decroly (1871–1932) com fins pedagógicos. Os alunos da educação de infância podem realizar seus escritos e avaliações de diversas formas como já acima citados, o importante é o trabalho

em desenvolver ideias, hipóteses, ter um pensamento crítico em sua avaliação pessoal e coletiva de forma lúdica através da construção coletiva.

Montessori, Froebel confeccionaram materiais próprios para utilização das crianças. No Rede infantil (2008), documento feito para educação de infância pelo Município de Cabo Frio, cita os materiais de Froebel, explicando o porque do nome dado aos mesmos: “..dando-lhe o nome de “dons” por que Deus os oferecia para que as necessidades infantis fossem bem desenvolvidas. Os chamados “dons” eram a bola, o cubo e o cilindro. (p.8, 2008)”. Também fala brevemente do trabalho de Maria Montessori, criadora do conhecido “material dourado” e de outros materiais que eram colocados em cantinhos alocados na sala de aula, com materiais de linguagem, matemática, sensorial, ciências e vida prática, onde os alunos poderiam através da manipulação e experimentação se apropriar de novos conceitos ou mesmo reformulando os já existentes através de atividades. O trabalho com os materiais montessorianos são conhecidos e aplicado nas salas de aulas.

Os jogos de regras são citados pelos professores como um dos instrumentos que potencializam a aprendizagem da linguagem tanto oral como escrita. Atividades que são trabalhadas de forma lúdica, mas que os alunos tenham contato com a linguagem escrita. Também são citados os registros em forma de cartaz onde o professor escreve seja em forma de gráfico, ou de texto em prosa, o resultado da atividade realizada. É importante nessa atividade que a criança participe do processo da escrita do professor, percebendo como é feito e o porquê. Perceber mais do que o código, propriamente dito, a função social que se encontra aquela escrita. Por exemplo é realizada uma pesquisa sobre qual fruta os alunos mais gostam. Após a votação é feito um gráfico com os resultados. Os alunos conseguem visualizar, mesmo sem ler propriamente, os resultados. Pois geralmente o professor utiliza figuras, legendas, e colocam a escrita abaixo. Então ele associa a figura a palavra abaixo colocada.

Um ponto polêmico na educação de infância são as atividades em folhas , onde os alunos realizam atividades, em sua maioria , individuais. Como os

professores denominam o trabalho com “folhinhas”. Essas atividades em folhas chamadas também de “tarefinha”, segundo Brandão e Rosa (2011), passaram a ser mais utilizadas a partir da década de de 1970 como uma forma concreta de mostrar a família o trabalho realizado na educação de infância. E como nessa época a ideia de prontidão para a alfabetização era latente, as atividades em folhas eram bem vistas, pois mostravam que o trabalho nesse segmento não era só de brincadeira, mas de preparação. Como coloca Brandão e Rosa:

Nessa perspectiva, as fichas com exercícios de motricidade, que solicitavam as crianças cobrir caminhos pontilhados, ligar o passarinho ao seu ninho, ou o macaco as bananas, copiar e cobrir desenhos de letras, passaram a ser muito valorizados, já que tais atividades, supostamente, contribuiriam para a anunciada prontidão para aprender a ler e escrever. ( 2011, p.140)

Essa prática gera polêmica quanto a sua concepção educativa no trabalho. Pois qual é o objetivo desta atividade? Seria realmente necessário o uso desses exercícios? Uma atividade mais de cunho mecânico onde se trabalhe a coordenação motora, de forma fragmentada e repetitiva, não cabe nem a educação infantil, e atualmente, nem nas turmas de 1º ano. Porém, ainda são utilizadas essas atividades em escolas de educação de infância mesmo após tantas discussões em torno do que é realmente necessário para os alunos dessa faixa etária.

O aluno, Contudo nos coloca Oliveira (2012) pode escrever por conta própria, com ou sem a intervenção do professor e colegas, colocando em prática, suas hipóteses sobre escrita e comparando com os demais, tendo oportunidade de pensar sobre como a mesma se dá, tendo assim uma escrita autônoma, ou como outros denominam, uma escrita espontânea. Essas escritas, ainda segundo a autora citada, são importantes para que o professor possa avaliar e estudar sobre o processo que o aluno se encontra. Por isso devem ser incentivadas em ações do cotidiano da criança. Brandão e Rosa (2011) afirmam que é necessário que o professor deve conhecer bem os

conceitos e objetivos envolvidos na hora da elaboração das atividades de lápis e papel. Percebendo quais concepções de aprendizagem estão incutidas nas atividades, se estas promovem algum desafio para o aluno, sem ser mecânicas e repetitivas, e por último se estão proporcionando experiências significativas/ prazerosas para os mesmos.

Atualmente ainda convivemos em nossas salas de aulas, e a educação de infância foi o primeiro segmento a sentir os efeitos, do mundo digital e suas atividades lúdicas que tanto atraem nossos pequenos alunos. Em artigo traduzido de Prensky (2001) ele coloca sobre os nativos digitais, nossos alunos, especificamente da educação de infância e os imigrantes digitais, no caso, se remete a maioria dos professores que trabalham com estes nativos.

Os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital ( 2002, p.1)

Nossos alunos nasceram nesse mundo, enquanto a maioria dos professores estão se adaptando a ele..

Uma criança tem um domínio com um celular, tablet ou televisão muito maior do que a maioria dos adultos, tem criança que ao ver uma tela desliza o dedo para mudar de tela, isso já observamos com crianças de menos de 2 anos. Então ao chegar na escola, muitas informações já estão armazenadas e há o domínio de equipamentos que o próprio professor, por muitas vezes, não o tem.

Paiva e Costa (2015) em estudo sobre esse fenômeno digital, coloca que é crescente o número de crianças que trocam as brincadeiras tradicionais pelas digitais, comprometendo sua saúde física, pois se tornam mais sedentárias e

deixando de interagir socialmente com outras crianças. As ruas se tornaram perigosas, seja por conta do fluxo de carros, violência, entre outros fatores.

Por isso brincadeiras, principalmente coletivas devem ser resgatadas no âmbito escolar. Esses resgates trazem para a criança essa prática social de interação, além do trabalho de psicomotricidade tão importante para o desenvolvimento do aluno. Por outro lado, a escola também deve trabalhar com mais atividades digitais, se atualizando as novas mídias pois não há como negar sua influência e sua linguagem em nossas crianças de 5 anos. Pois já convive com redes sociais, como facebook e aplicativos como whatsapp que além do código escrito utiliza os emojis, que são figuras, tipos de carinhas que passam uma mensagem rápida. Nossos alunos conhecem e sabem utilizar essa linguagem no seu cotidiano. Não tem como ignorar as formas digitais de comunicação. Uma prática não substitui a outra, mas a complementa.

### 3.2 EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPAÇO DE ALFABETIZAÇÃO?

Neste bloco de análise das entrevistas buscaremos perceber a importância da escrita e leitura e o que os professores tem como concepção de processo de aquisição da linguagem oral e escrita.

Os professores entrevistados reconhecem que as atividades lúdicas potencializam a aquisição da linguagem oral e escrita e citam as atividades cotidianas como exemplo. É o caso da rodinha, atividade peculiar da educação infantil, onde o professor reuni os alunos e começa o seu dia com a contagem dos alunos, janela do tempo, calendário, contação de histórias, a rotina do dia, músicas, hora da novidade e outras atividades. No convívio diário os alunos falam e aprendem a ouvir os outros. O uso do crachá é essencial, pois através dele a criança reconhece seu nome, algo muito significativo. E o nome dos seus colegas e professores. É comum a criança assimilar as letras e seus sons ao nome do cotidiano. Ex: G de Giovana, L de Lucas entre outros exemplos.

Percebendo até que aquela letra pode ter um som diferente pois o G da Giovana, também pode ser o G da Gabriella. Com isso o aluno começa a desenvolver uma associação. O G da Gabriela, do Gato, da Giovana e da Girafa. A rodinha de conversa é um grande meio de interação, de diálogo, onde seu participantes de tem voz e escutam os que estão ao seu redor, exercitando assim a cidadania. Acredito ser um dos momentos mais ricos da rotina da educação infantil. Um professor que consegue explorar esse recurso um grande desenvolvimento da linguagem oral e escrita em sua sala de aula. Então pode-se afirmar que atividades de letramento são importantes de serem trabalhadas na educação infantil, pois os alunos tem acesso aos diversos tipos de texto e suas ações cotidianas.

Paulo Freire (2004) nos coloca que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, pois antes de estar no ambiente escolar já se tem uma leitura do mundo que o rodeia. O trabalho contextualizado, buscando significado nas atividades dos alunos, em seus afezeres cotidianos, suas brincadeiras e gostos fazem diferenças em seu processo de aprendizagem, pois são significativos para eles. Atividades que extrapolem as paredes das salas, que busquem contexto. Pois como coloca o autor citado, “ Agora já não é possível texto sem contexto”. (Freire, 2004, p.19)

A música, na educação infantil, tem um importante papel, pois através da música o aluno trabalha vários aspectos, entre eles o corporal, cinestésico e também ajuda na oralidade e leitura. No RCNEI (1998) é colocado:

“A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio.(v.3, 1998,p.45) ”

Sendo considerada uma das formas de expressão humana. Os alunos gostam de cantar, de expressar com o corpo, no bater palma, sua interação com a música. O professor de educação de infância , deve trazer vários ritmos, e musicas que tragam um enriquecimento no vocabulário dos alunos. Podendo

explorar as hipóteses de leitura dos mesmos através da escrita da letra , em cartaz, de músicas conhecidas pelo grupo. Onde os alunos vão percebendo a escrita e fazem a “leitura” através do texto já memorizados pela melodia da música. Esse material torna-se rico em possibilidades de leitura e escrita.

Para os professores, além das atividades onde os alunos saibam reconhecer os diferentes tipos de texto, reconheçam as letras do alfabeto, saber se expressar, ter suas próprias opiniões sobre os assuntos trabalhados, foi citado como importante como base na educação de infância a autonomia nas atividades.

No referencial de educação infantil, volume 2, onde trata da formação social e pessoal afirma a importância da construção pelo aluno, não somente da autonomia quanto da identidade. A concepção colocada é que “a construção da identidade e da autonomia diz respeito ao conhecimento, desenvolvimento e uso dos recursos pessoais para fazer frente às diferentes situações da vida.” ( 1998, p.13). Como já citado, a criança é um ser global que precisa ser estimulada em sua interação com o grupo, no saber escutar , na concentração, na disciplina, em sua autonomia diante das atividades diárias todas essas competências são importantes para seu sucesso acadêmico.

A educação de infância, como já visto, já teve um caráter mais assistencialista, sanitarista, e até mesmo religioso. Porém, com o tempo, esse espaço, também ganhou mais a função educativa. Muitos teóricos defendem que desde pequenos as crianças devem ser estimuladas aprender, mas tendo de levar em consideração as suas peculiaridades. Atualmente a educação infantil, em seu referencial é marcada pelo cuidar e brincar. Mas de forma que busque a o pleno desenvolvimento destes pequenos estudantes. Vemos em sua rotina, atividades que são próprias. Como a rodinha, hora do parquinho, em escola de horário integral, a hora do soninho. Sua necessidade de brincar e de interagir de forma mais lúdica. Segundo Brandão e Rosa ( 2011), o professor pode promover atividades que desafiem as crianças a estabelecerem relações com o sistema alfabético, sem que haja repetições massantes. Onde elas percebam relações com a sonoridade e escrita. Os jogos ajudam muito

nesse sentido, pois através dos jogos fonológicos as crianças começam a perceber as relações citadas. Sobre isso, Brandão e Rosa ( 2011) afirmam que:

“É importante esclarecer que o desenvolvimento de tais jogos não visa a uma alfabetização precoce na Educação Infantil, mas sim a oportunizar às crianças que, sem pressão, aprendam sobre as palavras enquanto brincam com elas, manipulando as dimensões não só lúdicas e estética da linguagem, mas também sonora e gráfica”. ( 2011, p.69)

As brincadeiras de dramatização, recontação de histórias entre outras acabam por potencializar a linguagem oral da criança, o que ajuda na concatenização de ideias, com isso esse aluno será mais criativo nas formação de frases, textuais. Por ter um vocabulário mais amplo. Devido as suas leituras, contatos com outras crianças e adultos de forma que acinteça uma ampliação de palavras e significados de seu conhecimento.

Todavia, há uma unanimidade, nos professores entrevistados em afirmar que não é prerrogativa da educação infantil ler e escrever. Mas o processo pode acontecer devido a interação da criança com materiais escritos, jogos e outras atividades lúdica. Porém não é uma obrigação.

Há correntes que defendem com rigor que a criança nesse momento não deve ser alfabetizada. Porém percebemos que a educação infantil, pode aguçar a curiosidade desse mundo da leitura e desenvolver hipótese de leitura e escrita na criança.

Os responsáveis são os mais ansiosos, segundo os professores, pois tem a expectativa que os alunos saíram da educação de infância já lendo. Desde o início, nas reuniões de responsáveis colocam os anseios e perguntam quando o processo vai acontecer e quando os alunos escreverão em letra cursiva. Percebemos que a ansiedade tem sido um mal da sociedade atual. Sempre queremos alcançar o mais rápido os resultados e não apreciamos o processo em si. Na educação de infância, estamos trabalhando com o futuro. Qualquer mudança em educação leva décadas para que possamos ver seus resultados, então a ansiedade, a pressão tornam-se inimigos da aprendizagem. Um ponto

também em comum nas entrevistas é o fato de que os responsáveis desconhecem as prerrogativas da educação infantil. Sobre essa questão Araujo (2013) coloca que

Mesmo nunca negando a necessidade de as crianças brincarem, os pais /encarregados de educação preferem e exigem nos espaços escolares, mas também no pré-escolar, conteúdos que entendem ter uma transferência directa para a aprendizagem “académica”, em detrimento do brincar. Os pais insistem em saber o que as crianças aprenderam e interessam-se sobretudo por aprendizagens centradas no escolar. ( 2013, p.2 )

Acabam por dar a importância necessária ao brincar, ao pintar entre outras atividades de suma importancia nessa faixa etária. E Araujo, em seu artigo, ainda diz que professores afirmam que os alunos de educação de infância que mais brincaram são os que mais tem facilidade em aprender os conteúdos cognitivos. Isso parece um paradoxo quando não se conhece a construção da aquisição de conhecimento deste segmento escolar.

Então é necessário, como nos coloca Kramer (1998), que os pais participem de reuniões onde se apresentem as propostas pedagógicas da escola, realizando uma parceria com a família ouvindo seus anseios e possibilitando um maior conhecimento sobre o processo aprendizagem da criança nesta faixa etária.

Se brincar traz tantos benefício ao processo de aprendizagem , por que temos escolas, principalmente privadas, que estão cada vez mais tirando lúdico da educação infantil? Com a premissa que as crianças devem ser “preparadas” para o ensino fundamental, há uma demanda crescente de escolas que estão desde o espaço de sala de aula, trabalhando mais individualizado, com caderno, apostilas e trabalhando com ênfase na escrita e na leitura destes pequenos. Oliveira (2005) nos afirma que a pré escola , em muitos casos, tem trabalhado em uma visão mais individualistas, não levando em consideração atividades

significativas para experiência pessoal do aluno, organizada segundo os princípios da seriação, como se fosse um preparatório para o ensino fundamental.. Essa realidade tem encontrado apoio de responsáveis que, por não ter conhecimento pedagógico, acabam se iludindo com essas concepções pedagógicas. Mais adiante a autora citada nos continua afirmando que :

“A instituição de educação infantil pode atuar, sim, como agente de transmissão de conhecimentos elaborados pelo conjunto de relações sociais presentes em determinado momento históricos. Todavia, isso deve ser feito na vivência cotidiana com parceiros significativos, quando modos de expressar sentimentos em situações particulares, de recordar, de interpretar uma história , de compreender um fenômeno da natureza transmite à criança novas maneiras de “ler” o mundo e a si mesma.” ( 2005,p.45 )

### 3.3 FORMANDO LEITORES

Credo do Contador de Histórias:

Creio que a imaginação pode mais que o conhecimento.

Que o mito pode mais que a história.

Que os sonhos podem mais que os fatos.

Que a esperança sempre vence a experiência.

Que só o riso cura a tristeza.

E creio que o amor pode mais que a morte.

ROBERT FULGHUM (1988)

Foi perguntado aos professores entrevistados se estes se consideravam leitores. A maioria tem consciência, em suas respostas, que deveria ler mais, uns atribuem a correria do cotidiano, outros também a baixa remuneração. Alguns se conformam com a leitura rápida e superficial. Para se formar leitores é necessário que seja leitor. O aluno, principalmente de educação de infância, imita as ações de seus professores. Se o professor demonstra gosto pela leitura, tem uma entonação nas histórias, cria um ambiente propício para a imaginação fluir, dificilmente terá alunos alheios a leitura. Fonseca coloca que

Para trabalhar leitura é preciso oferecer tempos para ler e falar sobre leitura. Se a criança pequena observa que ler é importante para o adulto, isso para ela também será importante. Se ela observa que a leitura aparece com regularidade na rotina da escola, em práticas sociais, aprende que é algo importante, útil, valorizado e passa considerá-la igualmente (2013, p.41)

Nas contações de história um mundo mágico se abre, os alunos se encantam com seres imaginários ou mesmo com personagens que são parecidos com eles em seu cotidiano. Deve-se explorar os diferentes gêneros literários, assim como diferentes tipos de texto. Um bom contador de história faz até a leitura de uma bula de remédio ser interessante.

Os alunos desde antes até da oralidade bem desenvolvida, gostam de pegar o livro e contar: “Era uma vez.....” O livro desenvolve a imaginação, incita a buscar aprender ao código alfabético, criar hipótese sobre o mesmo, a se familiarizar com os tipos de texto. Como nos coloca Freire (1998), a leitura precisa ser um ato de amor. Mais do que a preocupação com os códigos, a preocupação com as leituras das entrelinhas dos textos, do que é tido sem estar tido. Do domínio social da escrita, o próprio letramento que observamos claramente em muitos alunos. Reconhecem receitas, encartes, logomarcas, placas, histórias, calendários, bilhetes e outros materiais trabalhados em sala. Quando há olhos que brilham para escutar uma história ou contar um “causo”. A contação de história não deve envolver somente histórias em prosas, mas

outros tipos de texto como uma notícia de jornal, uma poesia, encartes e etc. Mostrando ao aluno as diferentes funções da leitura.

O momento da leitura pode envolver uma curiosidade, trazendo textos que ajudem em suas soluções ou de pistas para tal. Desenvolvendo o gosto pela pesquisa para busca de respostas ou conhecimento sobre algo. Desde a tenra idade temos curiosidades que nos movem a pesquisa, a busca do conhecimento. Se enquanto professor não busco me atualizar, buscar novas leituras e ideias, mas me conformo com que já faço e assim torno meu trabalho um ato repetitivo e mecânico, dificilmente provocarei em meu aluno a busca pelo novo, ferramentas de pesquisas e indagações. Segundo Silva(1991): Ninguém aprende a gostar de leitura apenas ouvindo falar de livros, ou o vendo de longe os livros trancafiados na prateleira – é necessário que a criança pegue e manipule o ingrediente “livro”.”.( 1991, p.67)

Atualmente, na era da informatização, as notícias nos chegam com muita rapidez e facilidade. E nossos alunos são nativos digitais, pois já nasceram nesse mundo tecnológico, sabendo manusear as ferramentas digitais, quase sempre, com mais facilidade que o professor. Este precisa de bastante pesquisa e leitura para trabalhar com as novas gerações e suas demandas. Por isso a necessidade de procurar uma formação continuada para que possa compreender melhor todos os aspectos que permeiam a educação escolar na atualidade e suas diferentes linguagens.

### 3.5 CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

A educação de infância é o segmento que mais tem avançando recentemente em sua normatização. Tem seu espaço na LDB, deliberações do conselho de educação, referenciais e muitos estudos sobre o tema. Infelizmente, muitos professores não participam destas mudanças teóricas, só tem acesso após o documento redigido e aprovado.

Perguntados, os professores, sobre o que sabiam, grande parte desses colocou que não conhece a fundo o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, assim como o rede infantil de Cabo Frio que trabalha em consonância com o referencial acima citado, mesmo este último sendo um documento mais local.

As atribuições diárias foram citadas como justificativa para o não aprofundamento da leitura. Por trabalharem em horário integral, terem atribuições fora da escola e alguns estudando no período noturno. Desvalorização salarial entre outros itens acabam por desestimular, em muitos casos, este profissional a ler e se atualizar sobre assuntos próprios de sua área de atuação.

A maioria das professoras veem a necessidade de estudar mais sobre as concepções pedagógicas vigentes. As teorias, que por muitos é visto como perda de tempo,<sup>8</sup> é na verdade o maior investimento para a prática futura. A reflexão sobre o que se faz e como se faz. Pois inconscientemente quando assim se age acaba por contribuir para a ideia de professor formado somente com o ensino técnico (normal) ser um mero executor de atividades. Silva, (1991) em seus escritos faz a indagação “ Será que nosso professor possui condições para ser sujeito das leituras que faz, para poder fundamentar as suas próprias práticas pedagógicas e, colocar-se como exemplo de cidadão junto a seus alunos? “ No seu cotidiano escolar cada educador tem uma teoria de como o conhecimento de seus alunos é construído, e a partir de então, traça formas de trabalho, mesmo que essa concepção ocorra de forma mais empírica, não pautada em um conhecimento teórico, ou até mesmo levando em conta aspectos de diferentes visões educacionais, todavia tendo no seu

---

<sup>8</sup> percebo isso quando trago alguma leitura mais teórica a maioria dos professores com que trabalho como supervisora escola

íntimo que faz o melhor de acordo com suas convicções . Segundo Marta Darsie (1999, p.9): "Toda prática educativa traz em si uma teoria do conhecimento. Esta é uma afirmação incontestável e mais incontestável ainda quando referida à prática *educativa escolar*". Contudo é necessário ter um conhecimento teórico para que possa acontecer uma reflexão dessa prática, para que possa perceber as coerências estabelecidas durante o processo de reflexão teoria e prática e por que não as incoerências da mesma. Construir e reconstruir suas prerrogativas, convicções acompanhando as teorias, pressupostos e novas indagações que surgem de acordo com as necessidades vindoura, fazendo que esse processo não seja estático. O referencial acaba por trazer um panorama das concepções pedagógicas e proporcionar um embasamento teórico para o brincar e cuidar na educação infantil. Em três volumes onde se trabalha entre seus eixos, a linguagem oral e escrita.

Este referencial, assim como toda documentação oficial analisada encontra-se no site do MEC (ministério de educação e cultura) para todos que quiserem ter acesso. Esses estudos tem sido periódicos.

Dentre vários estudos sobre a educação de infância, um queremos dar ênfase nesse estudo e sobre a idade corte que a criança deve ter para ingressar no 1º ano do fundamental. O conselho nacional de educação, na sua resolução nº 5/2009 chegou a sistematizar este corte etário, onde crianças que fizessem 6 anos até 31 de março do corrente ano poderiam ser matriculadas no 1º ano do ensino fundamental. Pois havia o entendimento que a criança que nasceu após essa data poderia estar tendo uma antecipação no seu processo de ensino aprendizagem. Em outro parecer de 2012, onde analisa estas e outras questões ligadas a educação de infância, consolida esta decisão.

Muitos responsáveis se acharam lesados pela resolução acima citada, pois para estes seria uma perda de um ano de escolaridade na vida do aluno. Como se na educação infantil, não houvesse um trabalho pedagógico a ser feito, porém, este desconhecimento é compreensível, até pela recentes mudanças e

discussões deste segmento não há clareza, para muitos profissionais da área, sobre a sua proposta pedagógica. O que se faz de fato na educação infantil? Por que houve essa resolução?

Por muito tempo, a educação infantil foi vista como assistencialista, voltada para os pobres, sem um caráter educativo emancipatório. Após a década de 60, com o aumento da procura da mulher brasileira ao mercado de trabalho se expandiu para todos os segmentos sociais. Com isto começou uma preocupação com a formação de currículos educativos para esse segmento educativo. Porém com muita ruptura entre o cuidar e o educar. Essa tem sido a preocupação em todos documentos oficiais analisados, pois sempre é colocado a importância do indissociável do cuidar e educar. Com isso, após a publicação da LDB, foi instituído as diretrizes curriculares Nacionais da educação infantil, através da resolução nº 1/99 onde em seu artigo 3º resolve:

“Art. 3º - São as seguintes as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação

Infantil:

I – As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil, devem respeitar os seguintes Fundamentos Norteadores:

A. Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum;

B. Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania, do Exercício da Criticidade e do Respeito à Ordem Democrática;

C. Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade e da Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais.” ( 1999, p.1)

Há a preocupação não somente com os aspectos linguísticos, mas com a construção da identidade, da autonomia e do pensamento crítico.

Há uma especificidade nessa segmento de ensino que deve ser respeitada e através do lúdico pode ser potencializada. Como coloca no parecer cne/ceb 22/98 sobre as propostas pedagógicas que devem levar em conta a criança como ser integral, completo e indivisível. promovendo atividades que levem em conta variados aspectos como : físico, afetivos, emocionais, cognitivos e linguísticos. Colocando que:

“Este é um dos aspectos mais polêmicos dos programas de Educação Infantil, uma vez que o que se observa, em geral, são duas tendências principais em seus propósitos:

a. ênfase nos aspectos do desenvolvimento da criança, reduzindo suas oportunidades e experiências ao processo de “socialização” e especialização de aptidões em “hábitos e habilidades psicomotoras”, principalmente;

b. ênfase numa visão de treinamento, mais “escolarizada” de preparação para uma suposta e equivocada “prontidão para alfabetização e o cálculo”, em especial.” (1998, p.11)

A prontidão, como já colocado, para a alfabetização tem sido, infelizmente, uma corrente que tem ganho forças principalmente nas escolas particulares brasileiras. Com isto, até mesmo vestibulinhos tem sido realizados por escolas com o pretexto de que a procura é maior do que o número de vagas fazendo assim necessário tal processo. Contudo, em outro parecer o CNE/CEB 26/2003 há a crítica aos vestibulinhos<sup>9</sup> por serem um processo seletivo e que traz alguma pressão a criança. Nesse casos, a ênfase recai sobre os aspectos cognitivos/linguísticos. O voto da relatora nos coloca que:

---

<sup>9</sup> Vestibulinhos, prova para acesso ao ensino fundamental com caráter seletivo. O nome se dá pela semelhança as provas de vestibular onde os alunos com melhores desempenho são classificados para a faculdade

“Nos termos da resposta enviada ao MEC e à vista do exposto neste Parecer, a avaliação para acesso à Educação Infantil e à primeira série do Ensino Fundamental não pode ter efeito classificatório, não se admitindo a reprovação ou os chamados “vestibulinhos”. Essa avaliação das crianças pela escola, quando efetuada, só se justifica pela necessidade de decidir em que etapa da sua organização curricular o aluno poderá ser melhor atendido, nesse momento de sua vida.” (CNE/CEB 26/2003 p.6)

Há a preocupação com a pressão desnecessária que já atinge o aluno desde a tenra idade, não há espaço para o prazer de aprender, há a ansiedade própria do nosso tempo de antecipar as coisas. Cresce o número de crianças, em nossa sociedade, que desde muito cedo, têm com seu tempo ocupado por horários fixos e aulas particulares. Há um grande anseio dos responsáveis para que estas crianças se preparem para o futuro. Porém com isto, acabam por não viver o presente e suas necessidades próprias de crianças.

A escola de educação de infância ainda é o lugar, ou deveria ser, onde se canta, brinca, conversa, pode ouvir histórias viajar nelas de forma prazerosa e intensa. A construção da sua identidade e autonomia deve se dar de uma forma sadia sem agressão a sua fase etária.

Estas indagações de responsáveis, professores com concepções não muito claras é até compreensíveis quando olhamos a história da educação de infância em nosso país. Por muito tempo, a educação infantil não foi vista como espaço educativo com propostas pedagógicas próprias e por isso sabemos que não é somente com documentos oficiais que a visão se transforma. Mas com a luta e trabalho dos docentes e profissionais envolvidos .

A parceria com os pais é primordial para essa mudança de visão e por tanto para a valorização deste profissional e deste segmento. Quando há reunião de responsáveis a escola deve realizar atividades que mostre a importância destas no cotidiano do aluno. O porque da rodinha, da massinha, musicas e artes entre outras ações diárias dos alunos.

Uma grande ansiedade é o uso da letra cursiva, quando a criança vai começar a escrever seu nome dessa forma, então se faz necessário trazer informações pedagógicas para as reuniões, como coloca Albuquerque e Leite não é que se não trabalhe com a letra cursiva, ela estará na sala de aula, porém a ênfase será dada a letra bastão por ser a letra que mais está nos textos que circulam na sala de aula. O Por que gastar tempo e energia com tarefas repetitivas e mecânica se o que importa nessa fase e a apropriação social do seu uso e o desenvolvimento cognitivo destes alunos sobre a a apropriação da escrita. As autoras também colocam que:

“Quanto mais oportunidades dermos às crianças de, por meio de atividades lúdicas, as incentivarmos a pensar e refletir sobre o funcionamento da escrita alfabética e a vivenciarem diferentes práticas de leitura e escrita, mais elas serão desafiadas e estimuladas a se envolverem com a língua escrita, e, nesse envolvimento, elas estarão construindo conhecimentos importantes para o processo de alfabetização. ( 2011, p.114 )”

Essa entre outras questões como educação de infância não é espaço para atividades de decodificação de palavras, que os nossos alunos podem começar a utilizar o sistema escrito, mas não porque foi algo cobrado mas foi pela sua curiosidade e vontade de conhecer o mundo da leitura e escrita com o desenvolvimento de suas hipóteses sobre as mesmas.

Neste último item, podemos lembrar que a alfabetização, não está ligada, como anteriormente uma série, como antes era vistas as extintas classes de alfabetização, todavia um processo que pode começa, por muitas vezes, antes da entrada na escola e vai por um longo tempo.

Por isso, o parecer CNE/CEB 22/1998 coloca que: “ Ao planejar propostas curriculares dentro dos projetos pedagógicos para a Educação Infantil, é muito importante assegurar que não haja uma antecipação de rotinas e

procedimentos comuns às classes de educação fundamental, a partir da 1ª série, mas que não seriam aceitáveis para as crianças .

Na educação de infância deve promover acesso a materiais escritos diversos, tais como calendários, histórias em quadrinhos, fábulas, o próprio crachá com o nome dos alunos, textos coletivos, entre outros também colocados pelas professoras. Assim como na linguagem oral promover atividades de recontação de histórias, teatro, pedir para mandar recado, conversas informais, entre outras atividades que tragam prazer e sejam de significado para a criança. Realizar textos coletivos, bilhetes e o professor ser o escriba destes textos. Oliveira ( 2012) chama atenção que este contato com a leitura e escrita , “não garante que todas as crianças leiam e escrevam com automaticamente aos 5 anos. Tampouco isso é o objetivo desse segmento, o que não impede que isso ocorra muitas vezes.”( 2012, p.254) .

Quando perguntados se sentiam valorizados enquanto professores de educação de infância, todos professores afirmaram que não se sentem valorizados como professor deste segmento, e até mesmo por professores de anos de escolaridade posteriores. Tal fato se deve o desconhecimento, de muitas pessoas, inclusive professores de série posteriores, sobre as prerrogativas da educação de infância e também suas concepções pedagógicas. A educação de infância como citada no parecer parecer CNE/CEB 22/1998, não é um “luxo” ou um “favor”, é um direito. Há de seguir práticas educativas próprias da idade dos alunos. Vários estudos, despachos e pareceres vem corroborando para a sua importância buscando incentivar o estudo e qualidade dos professores. No referencial Curricular Nacional (1998) coloca que a função do professor de infância vem passando por novas formulações., sendo estas profundas. Pois “ O que se esperava dele há algumas décadas não corresponde mais ao que se espera nos dias atuais” ( 1998, 39, v.1).

No município de Cabo Frio, todos os professores da rede pública são professores formados no mínimo com o curso normal, como colocado no rede infantil (referencial de educação infantil para rede municipal de ensino de Cabo frio)

“ Para atuar como professor de Educação infantil na rede municipal de ensino de Cabo Frio, é exigido do profissional a habilitação mínima de de Curso Normal ou a licenciatura plena em curso de pedagogia (habilitação Magistério de Educação Infantil) ” (2008, p.78)

Como está previsto na LDB, no título VI, art 62 onde trata da formação do docente. Essa realidade, não é ainda de todo o País, dados de pesquisa realizada pelo INEP demonstram que houve uma diminuição de pessoas que não são profissionais da educação trabalhando na Pré escola. Na creche esses números são maiores.

Isso deve-se as recentes políticas públicas educativas onde a educação de infância passou a ser vista como espaço educativo de fato, fazendo parte da educação básica, sendo então equiparado ao professor do ensino fundamental. A tabela 3 mostra essa realidade citada, que não tem mais volta, a diminuição do número de pessoas sem no mínimo o curso normal<sup>10</sup>.

#### Tabela 5 Formação de professores no Brasil

---

<sup>10</sup> Curso normal é o curso de formação de professores a nível de ensino médio que forma professores para atuar na educação infantil e primeiro segmento do fundamental.

**Tabela 18 – Percentual de funções docentes que atuam na Pré-Escola por grau de formação – Brasil e regiões – 1991/2002**

Unidade Geográfica	Ano	Grau de Formação				
		Até Fundamental	Médio		Superior	
			Com Magistério	Sem Magistério	Sem Licenciatura	Com Licenciatura
Brasil	1991	18,9	56,6	7,4	1,3	15,8
	1996	16,1	61,4	4,3	2,0	16,3
	2002	4,4	64,0	4,2	4,9	22,5
Norte	1991	33,3	59,8	5,1	0,1	1,7
	1996	30,4	63,8	3,5	0,3	2,0
	2002	6,4	86,8	2,1	1,6	3,1
Nordeste	1991	37,1	54,1	4,9	0,4	3,6
	1996	31,1	61,1	3,2	0,8	3,8
	2002	8,6	77,1	3,9	2,4	8,0
Sudeste	1991	4,3	60,1	8,2	2,2	25,3
	1996	2,4	62,2	4,3	2,9	28,2
	2002	1,5	55,1	3,6	6,4	33,5
Sul	1991	13,2	53,0	9,8	1,3	22,7
	1996	9,0	58,2	7,7	3,3	21,8
	2002	3,9	53,9	6,6	7,3	28,4
Centro-Oeste	1991	13,4	53,8	13,8	2,0	17,1
	1996	9,2	62,4	4,8	2,4	21,1
	2002	2,9	57,5	6,7	5,4	27,5

Fonte: MEC/Inep.

A identidade desse professor ainda está sendo construída, suas concepções e práticas ainda estão em processo. Muitas mudanças nos espaços escolares estão sendo realizadas em consonância com documentos oficiais que tem tido um peso sobre a formação desse profissional.

Essa identidade não acontece de um dia para o outro, nem com a assinatura de um documento, mas com a mudança na visão da sociedade sobre esse profissional.

O PNE, plano Nacional de educação tem várias metas para educação infantil. Uma delas é a que os alunos estejam 100% nas escolas. Em 2015, como colocado em seu site do observatório do PNE:

“Com 90,5% das crianças de 4 e 5 anos atendidas, a meta de universalização da Pré-escola até 2016 não parece distante para o País. Mas é preciso ressaltar que os 9,5% restantes significam cerca de 500 mil crianças e que as desigualdades regionais são marcantes. Além disso,

o foco não pode se restringir ao atendimento, sem um olhar especial para a qualidade do ensino.” (site PNE)

Esses dados são os que constam em seu acervo. Porém, é percebido que ainda não chegou a meta estabelecida em 2017. Mas o número de crianças fora da escola na idade escolar tem diminuído, em consequência dos investimentos realizados.

Também consta no PNE metas para valorização do professor, através de cursos, plano de carreira e piso nacional entre outros incentivos. Foi criado um curso a distância, para a formação das pessoas que atuavam como professores que não tinham a formação adequada. Esse curso tem a duração de 2 anos contendo 4 módulos e habilita em nível médio. Como coloca Nunes (2011): “O Proinfantil, que teve início em 2005 e que, até o final de 2011, terá formado mais de 16.000 professores no ensino médio, na modalidade Normal, ainda não conseguiu vencer a meta de ter todos os professores em exercício com a formação mínima exigida por lei” Ainda é existente o curso do Proinfantil, seus cadernos de estudos se encontram na plataforma do MEC. Os cursos acontecem em parceria do MEC com os municípios.

Há um capítulo direcionado a educação de infância no PNE onde está em consonância com os outros documentos analisados, onde trata a criança de 0 a 6 anos como um ser que tem suas necessidades específicas e precisa ser respeitado em seus direitos. Porém, acaba se aprofundando em uma análise das reais condições que vive a educação de infância no País. Fazendo a partir deste estudo metas para serem cumpridas a um prazo determinado. Sobre as diretrizes do trabalho pedagógico ressalta o que é explícito: a falta de clareza do trabalho pedagógico existente de fato nas escolas de educação de infância. Onde muitas ainda trabalham a partir de uma visão assistencialista

separando o trabalho pedagógico das creches e pré escolas e também práticas educativas diferenciadas de acordo com a grupos sociais.:

“Para orientar uma prática pedagógica condizente com os dados das ciências e mais respeitosa possível do processo unitário de desenvolvimento da criança, constitui diretriz importante a superação das dicotomias creche/pré-escola, assistência ou assistencialismo/educação, atendimento a carentes/educação para classe média e outras, que orientações políticas e práticas sociais equivocadas foram produzindo ao longo da história. Educação e cuidados constituem um todo indivisível para crianças indivisíveis, num processo de desenvolvimento marcado por etapas ou estágios em que as rupturas são bases e possibilidades para a seqüência. No período dos dez anos coberto por este plano, o Brasil poderá chegar a uma educação infantil que abarque o segmento etário 0 a 6 anos (ou 0 a 5, na medida em que as crianças de 6 anos ingressem no ensino fundamental) sem os percalços das passagens traumáticas, que exigem "adaptação" entre o que hoje constitui a creche e a pré-escola, como vem ocorrendo entre esta e a primeira série do ensino fundamental.” (2001, p.35, PNE)

Em 2010, foi realizado a CONAE (Conferência Nacional de Educação), onde suas diretrizes foram referendadas para o PNE ( 2011-2020). Com novas metas estabelecidas, continuando no foco a formação do profissional de educação infantil e expansão da educação de infância pelo País.

O Projeto Político Pedagógico se tornou fundamental pois o famoso PPP, dá a unidade de ensino a possibilidade de criar, dentro da sua autonomia, a identidade da instituição escolar. Sendo assi uma das metas do PNE. Mas deve ser concebido como um projeto que atenda as necessidades da escola de forma plena, com a participação de todos atores envolvidos, para que estes percebam as necessidades e o desenvolvimentos das crianças. Sem uma visão fragmentada, onde só se considera alguns aspectos, seja social ou cognitivo, ou distorcida, onde considera a etapa apenas como uma preparação para o 1º ano. Mas um projeto político pedagógico onde se valorize o processo de

aprendizagem das diversas linguagens e suas funções. Onde promova aos alunos atividades onde eles possam ter contato, manuseio de diferentes textos e produzam oralmente histórias coletivas e individual participando como coautores desses processos. Onde percebam a importância da comunicação no seu cotidiano. Onde o lúdico faça parte desse desenvolvimento. Onde os profissionais que ali atuam possam se sentir valorizados pelo menos em sua unidades escolar.

Com a Emenda Constitucional nº 59 de 2009, a Pré-escola passou a ser obrigatória, sem caráter reprovatório. Perceber a sua importância no desenvolvimento da criança e ter diretrizes claras é fundamental para o crescimento da qualidade do trabalho educativo das escolas. Agora as crianças a partir dos 4 anos têm o direito de frequentar a escola e ter um ensino voltado as suas necessidades. Nunes (2011) coloca que:

a Constituição Federal situa a educação infantil no capítulo da Educação, nomeando formalmente a creche e a pré-escola como instituições que oferecem essa educação. A LDB define o mesmo e único objetivo para a educação infantil de 0 a 6 anos e concede três anos para as creches passarem ao sistema de ensino. O Plano Nacional de Educação estabelece metas para ambas as instituições e metas específicas para a creche e para a pré-escola (2011,p.42)

Os municípios estão se adaptando a essas mudanças. Em Cabo Frio em 2008 havia 33 escolas com turmas de educação de infância, entre elas 15 exclusivamente desse segmento. Atualmente são 43 escolas com turmas de educação de infância e, entre elas 26 exclusivamente desse segmento<sup>11</sup>. Os

---

<sup>11</sup> Dados obtidos pela SEME Secretaria de educação Municipal de Cabo Frio.

professores de educação de infância tem a mesma carga horária dos professores dos demais segmentos, obtendo assim um terço do horário destinado ao planejamento e a formação continuada. Há dentro da secretaria de educação uma equipe destinada a este segmento que tem uma avaliação diferenciada.

No parecer CNE/CEB nº 17/2012 coloca que: “a preocupação com os direitos da criança evoluiu muito no Brasil, a partir da última década do século passado” (2012, p.1) e trata das orientações sobre o funcionamento e a organização da educação de infância como a carga horária, organização, material pedagógico, a avaliação e a formação dos profissionais da educação infantil entre outros aspectos. Dentre eles vamos destacar o material pedagógico. O parecer coloca que o material deve ser diversificado e apropriado para a faixa etária para que seja essencial o desenvolvimento da criança de acordo com a proposta pedagógica nos termos das diretrizes Curriculares Nacionais de Educação infantil. Entre esses materiais estão os livros de literatura de acordo com a faixa etária, CDs e DVDs. Materiais estes que chegam diretamente a escola. O MEC tem enviado as escolas, diretamente, materiais de uso coletivo, tais como livros de literatura infantil, livros de educação para uso dos professores, além da verba que o próprio diretor escolar pode gerir.

A avaliação também é citada reafirmando seu caráter não classificatório, mas que leve em conta o desenvolvimento da criança, utilizando registros contínuos que levem em consideração todo o seu desenvolvimento nas diversas áreas de trabalho, seja cognitivo ou socio-emocional.

É visto a preocupação no âmbito legal para que a educação de infância possa ser valorizada e tenha qualidade no seu trabalho. Portanto é necessário um maior investimento nos profissionais que nelas estão. Um dos investimentos já

existentes é o Proinfantil<sup>12</sup>, um programa que fornece um curso á distancia especificamente direcionado para pessoas que atuam na educação de infância e não tem o curso normal, quesito mínimo para se trabalhar em unidades educativas desse segmento como professor.

Os profissionais de educação de infância precisam acompanhar esse processo que tem passado a educação infantil, e perceber os avanços e mudanças. Continuar a luta para que os direitos já conquistados sejam em prática colocados, e haja o reconhecimento da importância dessa modalidade de ensino e suas especificidades não somente na área educativa, mas por toda sociedade.

A educação de infância, tem conquistado espaço no âmbito educativo, porém muitas lutas ainda estão sendo travadas, para que esse segmento realmente possa ter o mesmo espaço que os outros segmentos da educação básica.

---

<sup>12</sup> Programa de Formação inicial para professores em exercícios na educação infantil.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os estudos realizados e escrita deste trabalho pude perceber como a educação de infância, no Brasil, se desenvolveu com novas e significativas perspectivas. Por conta deste movimento de conquistas e discussões sobre seu espaço no âmbito educativo muitas indagações foram feitas. Por exemplo: quais as prerrogativas da educação de infância? Como pode o aluno aprender a ler e escrever?, que tipo de atividades podemos fazer para que a criança aprenda? Qual a função da brincadeira?

As professoras entrevistadas referem que o lúdico tem um papel importante no desenvolvimento da criança pois, percebem que a criança necessita destas atividades para um melhor aprendizado. Foi também por elas mencionado que a dinâmica da atividade lúdica traz maior interesse e prazer para os alunos.

Por muito tempo o trabalho de educar e cuidar não estava interligado. Com características mais assistencialistas, sanitaristas por ter o pressuposto de defender uma concepção onde as crianças mais desfavorecidas socialmente teriam um espaço de cuidados básicos de higiene e saúde. Os estabelecimentos de educação de infância eram ligados ao órgão da saúde e de serviço social .

Somente em 1974, a educação de infância passou a fazer parte do MEC, segundo Nunes, (2011), Contudo foi a partir da 1985, com o novo cenário político que a educação de infância teve seu maior reconhecimento enquanto estabelecimento educativo de fato. Com a sua menção na constituição de 1988, ganhou forças na discussão da nova LDB 9394/96, e vem crescendo seus estudos entre os pesquisadores e sendo normatizado através dos pareceres, despachos e estudos. Percebe-se que é muito recente as mudanças ocorridas na educação de infância no Brasil. Todavia quando se trata da questão pedagógica se tem como norteadores trabalhos realizados por grandes pesquisadores teóricos mundiais como Froebel, Montessori, Freinet entre

outros citados durante a pesquisa. A educação de infância passa a ter um caráter pedagógico único, não discriminatório, pelo menos no papel.

Mas perdurou por muito tempo, no Brasil, uma educação tradicional onde a Pré escola era vista como uma etapa de preparação para o 1º ano. Essa concepção pedagógica se arrasta até hoje em muitas práticas escolares. Mas por que isso acontece, mesmo com tantos materiais e estudos sobre a educação de infância na atualidade? De acordo com esta pesquisa pudemos inferir que se trata de uma questão de formação de professores, mas também que se prende com concepções sobre o que é ser criança e a forma como esta aprende.

As mudanças em caráter de lei estão sendo feitas. Porém é sabido que é necessário um tempo para a adequação das mesmas. No Brasil, que é um país muito extenso e com suas especificidades em cada região, essas mudanças são muito demoradas.

Houve conquistas e reconhecimento de muitas questões de lutas pelos profissionais da área, todavia ainda há muito a ser feito. Como questões de infraestrutura por exemplo. A escola que fez parte do estudo, funcionou durante anos em casa alugada, sem estrutura de escola, atendendo a comunidade. Somente há 5 anos funciona em um prédio apropriado e mesmo assim, faltam espaços importantes para as crianças, como um palco para apresentações<sup>13</sup>.

Os profissionais envolvidos não se sentem valorizados pois sentem que levam o estigma de somente serem vistos como cuidadores. Mas como trabalhar somente o cuidar? Educar já é em si um cuidado. Faria, (2012) nos coloca que em alguns países existe palavra que dá a dimensão destas duas palavras juntas, cuidar e educar que seria, por exemplo, na África do Sul “Educare”. É necessário ter um visão global do aluno onde trabalhe suas capacidades sem dar ênfase a uma ou a outra. Segundo Freire: “A prática

---

<sup>13</sup> Dados obtidos na observação e nos contatos com os funcionários da escola sobre o histórico da escola.

educativa é tudo: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço técnico (...) ( 2003, p.143)

Quando o educador começa a perceber o potencial que os pequenos alunos tem, sua curiosidade e afeição por conhecimento pelo que o cerca, ele começa a se valorizar, pois percebe a importância do seu trabalho. O função deste profissional sofreu reformulações que trouxeram a ele, na atualidade um novo status, agora este se enquadra como professor de educação básica da mesma forma que o professor do ensino fundamental. Para tal compreensão é necessário uma formação continuada onde este possa compreender as prerrogativas das crianças no seu papel de alunos, suas necessidades e interesses e também se descobrir enquanto professor de infância. Os recentes estudos têm estabelecidos referenciais, diretrizes com concepções onde levam em consideração a criança em sua totalidade, como ser holístico.

De acordo com Faria (2012), as interações da criança, seja no campo científico, ou no conhecimento social, são realizadas pelas diversas formas de linguagem. A linguagem é essencial para a comunicação mas tem também outras funções que são potencializadas nas interações sociais com os diferentes grupos. Pensamos e preocupamo-nos muito com a linguagem escrita e oral, mas existem muitas outras linguagens (plástica, musical, corporal, dramática etc), áreas de saber importantes no desenvolvimento da criança, que ela vai compreendendo ao longo da sua aprendizagem. Os estudos sobre a forma como as crianças crescem e como podemos realizar atividades apropriadas às crianças e suas experiências de vida, como refere Faria (2012) que possibilitam articular seus conhecimentos e saberes são muitos. Mas a nossa formação está disciplinarizada em diferentes áreas - matemática, português, ciências, entre outras disciplinas, que não ajuda a perceber a aprendizagem como algo integrado, pelo contrário, trabalha-se com fragmentação. Contudo, para as crianças a aprendizagem é contínua. Então como trabalhar de forma integrada na educação de infância?

Os entrevistados referem que as atividades lúdicas, são primordiais para que a criança consiga de forma mais plena se desenvolver, pois é a forma de

aprendizagem preferida delas. Assim a educação de infância acaba por ter na brincadeira recurso fundamental de aprendizagem.

Quando trabalhadas de forma educativa, podem proporcionar uma potencialização da linguagem, pois existe um contexto onde a linguagem está inserida. Não há fragmentação, há interação. Onde a criança consegue fazer relação do que é aprendido com suas percepções e hipóteses sobre as coisas que a cercam.

Devem corresponder à curiosidade e demandas dos alunos, e acabam por proporcionar preciosos momentos de aprendizagem, para isso é necessário que o professor não seja um mero executor, mas um mediador de conhecimento que compreende e valoriza as atividades lúdicas como ferramenta do processo pedagógico. O referencial curricular de educação infantil (1998) coloca que de forma singular a criança nessa fase sente e pensa o mundo ao seu redor.

As crianças estão cercadas de informações em seu cotidiano, a escola pode trabalhar com este aluno a apropriação da função social daquela escrita. Onde pode acontecer ou não o início de sua apropriação dos códigos escritos. Cabe ao professor o bom senso de perceber as demandas de suas turmas, suas características. Freire (2011) sobre esta questão ressalta a importância do bom senso, pois ele que me adverte sobre como interagir e ser mediador exercendo a autoridade de professor, orientando os alunos tanto nas atividades coletivas quanto individuais. Rosa e Brandão (2011) ressaltam que é possível realizar situações de desafios e significados sobre a leitura e escrita para os alunos da educação infantil, sem necessariamente serem repetitivas e mecânicas, todavia que façam a criança pensar e repensar sobre o funcionamento da escrita, refletindo sobre as relações da fala com escrita.

As concepções que permeiam mostram, de alguma forma, as influências que esse segmento sofreu, primeiramente mais ligado a área social e da saúde, trabalhando de forma a suprir as necessidades dos mais necessitados, mas tendo uma dicotomia com a educação infantil voltada para as classes mais favorecidas, onde existia uma proposta educativa. Porém a luta por uma

expansão com qualidade tendo um foco mais pedagógico é recente. A sua integração a educação básica, fazendo que fato fosse visto como espaço de ensino foi fundamental. Assim como a construção da sua identidade levando em consideração suas especificidades e prerrogativas. Esse espaço tem sido ganho no papel, porém ainda há muito o que ser feito para que seja ganho no cotidiano. Pois ainda é visto por muito como espaço de passatempo, de recreação. É necessário, um trabalho junto a comunidade escolar para que estes vejam a importância não somente de ter um espaço para deixar os filhos para trabalhar. Todavia perceber sua importância no processo educativo das nossas crianças, onde a brincadeira é coisa séria. Onde a leitura de mundo, como coloca o mestre Paulo Freire, precede a leitura escrita.

Sobre o processo de leitura e escrita a educação de infância sofreu influência de uma concepção pedagógica tradicional onde a pré escola era espaço de prontidão para séries posteriores. Por consequência desta visão, muitos responsáveis e até mesmos alguns professores, tem dificuldade em perceber que esta fase educativa tem prerrogativas próprias importantes no desenvolvimento da criança que ajudarão durante todo processo educativo. Que o processo de leitura e escrita começa antes do conhecimento das palavras.

Trabalhar a leitura e escrita não é errado na educação infantil, o problema consiste em como trabalhá-las. Nossa linguagem vai mais além do que uma decifração de códigos. São tantas funções da leitura e escrita no cotidiano e nosso aluno já consegue perceber muitas delas. Escrevemos para não esquecer, para registrar, para publicar, informar entre outras funções. Lemos para distrair, para aprender, para matar curiosidades, para rir ou chorar e por aí vai. Não podemos menosprezar o nosso aluno de 5 anos de idade porque ele ainda não conhece o código convencional, mas possibilitá-lo a compreender essas funções sociais da leitura e da escrita aqui citadas através das ações práticas do cotidiano. Proporcionando, através do manuseio de diversos registros e textos, a criação de hipóteses da escrita evoluído em sua pesquisa pela solução do seu objeto de estudo, no caso a linguagem oral e escrita e suas

representações. Nessa busca o processo de leitura e escrita até pode desencadear, mas não é o objetivo dessa fase.

Esta pesquisa, permitiu desenvolver competências de pesquisa e fazer uma aprendizagem sobre as práticas pedagógicas na educação de infância, não esgotando as diferentes situações e práticas pedagógicas de alfabetização e letramento. Foi possível compreender algumas das questões que se levantaram no início do trabalho, neste contexto preciso, mas outras se levantaram e mereceriam maior aprofundamento. Temos consciência da limitação do trabalho considerando, contudo, que foi muito proveitoso. Noutras escolas com outros interlocutores as interações poderão ser diferentes pelo que devemos evitar generalizações. Consideramos que é necessário continuar a investigar, estudar e trabalhar nesta área de forma a poder combater práticas que não respeitem a ludicidade e a atividade pedagógica que realmente ajuda a criança no contexto escolar.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, C. (2012). *O jogo e a educação infantil: falar e dizer*. fascículo 15 – Petrópolis, RJ: Vozes.
- Araújo, M. J. (2004). ATL: Actividades de tempo livre sem tempo nem liberdade. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Araújo, M. J. (2012). As brincadeiras como património cultural imaterial a incentivar: uma experiência participativa com crianças. *Atas do Congresso Internacional de História e Património Cultural*. Brasil: Universidade Federal dePiauí – Teresina.
- Ariès, P. (1986). *História social da criança e da família*. / tradução Dora Flaksman – 2ªedição – Rio de Janeiro: Guanabara.
- Azenha, M. da G. (1994). *Construtivismo de Piaget a Emília Ferreiro*. 3ª edição. São Paulo. Editora Ática.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA,
- Batista, A. V. Viana, F.L. & Barbeiro, L.F. (2011). O Ensino da Escrita:Dimensões Gráfica e Ortográfica. [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/ensino\\_escrita\\_net.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/ensino_escrita_net.pdf) consultado Outubro 2017

- Bessa, V. da H. (2008). *Teorias da aprendizagem*. Curitiba. IESDE Brasil S. A.
- Brandão, A. C. P. & Rosa, E.C.S (orgs.). (2011). *Ler e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica.
- Brougère, G. (1998). A criança e a cultura lúdica. *Revista da Faculdade de Educação*, (<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551998000200007>), 24(2), 103-116.
- Darsie, M. M. P. (1999). *Perspectivas Epistemológicas e suas Implicações no Processo de Ensino e de Aprendizagem*. Cuiabá, Uniciências, v3: 9-21
- Demo, Pedro. (1996) *Pesquisa e construção de conhecimento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Faria, V. L. B. (2012). Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica. 2ª Edição 9 revisada e ampliada - São Paulo, Ática.
- Fazolo, E. (org), Carvalho, M.C. (org), Leite, M. I. (org) & Kramer (org). (1997). *Educação Infantil em curso*. Rio de Janeiro: Ravil.
- Ferreiro, E. & Teberosky, A. (1985). *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ferreiro, E. (1981) *Reflexões sobre alfabetização* (livro eletrônico) 1ª edição São Paulo: Editora Cortez.
- Ferreiro, E. (2003) “Alfabetização e cultura escrita”, Entrevista concedida à Denise Pellegrini In Nova Escola – A revista do Professor. maio, pp. 27 – 30.São Paulo, Abril.
- Ferreiro, E. (2013) <https://novaescola.org.br/conteudo/4118/emilia-ferreiro-cisao-entre-alfabetizacao-e-letramento>
- Ferreiro, E. (2013) <https://novaescola.org.br/conteudo/4122/emilia-ferreiro-a-duvida-sobre-a-idade-certa-para-alfabetizar>

- Fonseca, E. (2013) *Interações: com olhos de ler*. Coleções InterAções. 1ª reimpressão – São Paulo:Blucher.
- Freinet, Celetin. (2004). *Pedagogia do bom senso*. Tradução: J. Baptista. 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes.
- Freire, P. (1989). *A importância do ato de ler. Em três artigos que se completam*. 23ª edição - São Paulo: Autores Associados: Cortez.
- Freire, P. (2003).*Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à Prática Educativa*. 28ª edição – São Paulo. Paz e Terra: Coleção Leitura.
- Freitas, M. T. de A. 2000. As apropriações do pensamento de Vygotsky no Brasil: um tema em debate. In: *Psicologia da Educação*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n.10/11: 9-28.
- Fulghum R. (1988) *Tudo que eu devia saber na vida aprendi no Jardim de Infância. Ideias incomuns sobre coisas banais*. 3ª Edição. São Paulo, Editora Best Seller
- Harry, D. (2003). *Vygotsky e a pedagogia*. São Paulo. Editora Loyola.
- Kishimoto, T. M. (2001). *A LDB E AS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS*. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, supl.4, p. 7-14.
- Kishimoto, T. M. (2013). Brincar, letramento e infância. In: Kishimoto, T. M. & Oliveira-Formosinho, J. (org.). *Em busca da Pedagogia da Infância: pertencer e participar* (pp.21-53). Porto Alegre: Penso.
- Kramer, S. (2010). *Alfabetização, leitura e escrita. Formação de professores em curso*. São Paulo Editora Ática.
- Kramer, S. (org.). (1998). *Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para educação infantil*. 11ª edição – São Paulo: Editora Ática.

- Kramer, S.(2002). Pró-Posições, volume 13 nº 2 (38) maio-agosto.
- Kuhlmann, M., Jr. (2015). *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica* – 7ª edição – Porto Alegre: Mediação.
- La Taille, Y. (org).(1992) Oliveira, M. K. & Dantas H. *Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão* - São Paulo: Summus.
- Luckesi, C.C.(2005) Ludicidade e atividades lúdicas uma abordagem a partir da experiência interna. - Ludicidade: o que é mesmo isso, 20 - portal.unemat.br
- Machado, M. L. A. (2002). *Pré-escola é não é escola: a busca de um caminho*, 3ª edição- São Paulo. Paz e Terra.
- Mata, L. (2012). *Literacia Familiar e Desenvolvimento de Competências de Literacia* <http://www.exedrajournal.com/exedrajournal/wp-content/uploads/2013/01/18-numero-tematico-2012.pdf>
- Minayo, M. C. S. (org). (1994). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Temas Sociais. 2ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes.
- Morais, A. G. (2012). *Sistema de escrita alfabética*. São Paulo: Editora Melhoramentos.
- Moyles, J. R. (2002). *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Tradução: Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed.
- Neves, R. A. & Damiani, M. F. (2006) *Vygotsky e as teorias da aprendizagem*. UNIrevista - Vol. 1, nº 2: (abril)
- Nunes, M. F. R. (2011). *Educação infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica* / Maria Fernanda Rezende Nunes, Patrícia Corsino e Vital Didonet. – Brasília : UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa.

Oliveira, Z. R. (2005). *Educação infantil: fundamentos e métodos* (Coleção Docência em Formação) – 2ª edição – São Paulo: Cortez.

Oliveira, Z. R. (org).(2012). várias autoras *O trabalho do professor na Educação Infantil* – 1ª edição São Paulo: Biruta.

Paiva, N.M.N. e Costa, J.S. (2015) - A importância da tecnologia na infância . Psicologia.pt. O portal dos psicólogos. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf> . Acesso em 15/11/2017

Presnky, M. (2001). Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. De On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro) Tradução do artigo "Digital natives, digital immigrants". Tradução gentilmente cedida por Roberta de Moraes Jesus de Souza: professora, tradutora e mestranda em educação pela UCG.

Saviani, D. (2013). *História das ideias pedagógicas no Brasil*. - 4ª Edição- Campinas, SP: Autores Associados.

Silva, E. T. (1991). *De olhos abertos :reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. Série: Educação em ação. 1ª edição. São Paulo. Editora Ática.

Soares, M. (2004). Artigo publicado pela revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro, pela Artmed Editora.

Soares, M. (2009). *Alfabetização e letramento na Educação Infantil*. Belo Horizonte, Pátio – Educação Infantil, Ano VII, n.20.jul/out.

Soares, M. (2014). *Letramento em três gêneros. Linguagem e educação*. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Teberosky, A. (1994). *Aprendendo a escrever: perspectiva psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo: Editora Ática.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

## 5.1. OUTRAS REFERENCIAS

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)

Emenda Constitucional n. 59, de 11 de novembro de 2009. Acrescenta § 3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias para reduzir, anualmente, a partir do exercício de 2009, o percentual da Desvinculação das Receitas da União incidente sobre os recursos destinados à manutenção e desenvolvimento do ensino de que trata o art. 212 da Constituição Federal, dá nova redação aos incisos I e VII do art. 208, de forma a prever a obrigatoriedade do ensino de quatro a dezessete anos e ampliar a abrangência dos programas suplementares para todas as etapas da educação básica, e dá nova redação ao § 4º do art. 211 e ao § 3º do art. 212 e ao caput do art. 214, com a inserção neste dispositivo de inciso VI. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm)

Lei n. 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a LDB n. 9.394/96, diz que as crianças com 4 anos devem ser matriculadas na educação infantil. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato20112014/2013/lei/l12796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato20112014/2013/lei/l12796.htm)

Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)

Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)

Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Legislação. Brasília: Casa Civil da Presidência da República, 2001. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/LEIS\\_2001/L10172.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10172.htm).

Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Legislação. Brasília: Casa Civil da Presidência da República, 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm)

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Legislação. Brasília: Casa Civil da Presidência da República, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm).

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Legislação. Brasília: Casa Civil da Presidência da República, 1996a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm).

Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF. 3vols.: il

- Ministério da Educação. (2004) INEP Instituto nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Estatística dos professores no Brasil. 2ª edição. <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484154/Estatísticas+dos+professores+no+Brasil>
- Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. (1999). Resolução CEB n. 1, de 7 de abril de 1999. Institui as Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília, DF: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0199.pdf>
- Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB Nº 20/2009, de 11 de novembro de 2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.
- Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB Nº 05 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.
- Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. (2013) Diretrizes Curriculares Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI.
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. (2003) Resolução CNE/CEB 26/2003. Aprovada em 29 de setembro de 2003. Questionamento sobre a realização de “vestibulinhos” na Educação Infantil e Ensino Fundamental
- Ministério da Educação. Secretaria de educação Básica. (2005) Secretaria de educação a Distância. Livro de estudo / Karina Rizek Lopes, Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria, organizadoras. – Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2005. 38p. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 5)
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. (2010) PARECER CNE/CEB Nº: 12/2010. Aprovado em 8 de julho de 2010. Diretrizes

Operacionais para a matrícula no Ensino Fundamental e na Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. (2012) PARECER CNE/CEB Nº: 17/2012. Aprovado em 6 de julho de 2012. Orientações sobre a organização e o funcionamento da Educação Infantil, inclusive sobre a formação docente, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. (2006) Coleção do programa de formação inicial para professores em exercício na educação infantil. Proinfantil Brasília: MEC, SEB.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. (2009) Indicadores de qualidades na educação infantil. Brasília: MEC, SEB.

## **6. APÊNDICE**

### **APÊNDICE 1**

## **Entrevista com professora de educação de infância**

**Identificação:** P1

**Formação:** matemática

**Tempo de magistério** 30 anos

**Idade:** 48

### **1)No seu entender o que é uma atividade lúdica?**

É uma atividade onde o aluno é motivado no que ensinado através de jogos, aulas passeio e etc.

### **2)Qual a importância do brincar e das brincadeiras para as crianças?**

O brincar e as brincadeiras de crianças são utilizadas de maneira prazerosa para aprender o que é ensinado pois o aluno aprende de maneira descontraída.

### **3)Qual a importância das atividades lúdicas na educação de infância mais especificamente nas turmas de Pré II?**

Os alunos se sentem mais entusiasmados e interessados. Pois é divertido e dinâmico.

### **4)Com que frequência utiliza brincadeiras em sala de aula?**

Pelo menos uma vez por semana.

### **5)Faz distinção entre as atividades lúdicas e não lúdicas?**

Elas estão interligadas pois trabalho primeiro com o lúdico e depois para o não-lúdico. Pois assim as crianças se sentem mais seguras.

### **6)Há direcionamentos nessas brincadeiras? Ou são atividades mais livres?**

Sim, as brincadeiras são mais direcionadas pois senão perde o objetivo.

**7)As brincadeiras das crianças potencializam a linguagem oral?**

Sim.

**8)Que atividades do cotidiano das crianças potencializam a aprendizagem da linguagem?**

É na hora da novidade que seria na rodinha, na contação de história, recontação e na dramatização.

**9)Quais os conhecimentos sobre linguagem oral e escrita, na sua opinião, são necessários serem trabalhados na educação de infância nas turmas de Pré II?**

Textos variados, receitas, alfabeto, interpretação de texto e dramatização. Pois nessa fase que criamos nos alunos o hábito de leitura escrita

**10)Como você costuma trabalhar atividades envolvendo linguagem oral e escrita em sala de aula?**

Sempre através da conversa, ou de músicas, ou alguma coisa que o aluno traz como novidade para sala de aula.

**11)Que tipo de atividades? Formais, lúdico expressivas, estético? Pode dar exemplos?**

Um pouco de cada uma. Formais os cartazes, as folhas. No lúdico, os jogos sempre direcionado para os temas trabalhados.

**12)São prerrogativas da educação de infância aprender a ler e escrever efetivamente?**

Não, isso é uma consequência do que é trabalhado.

**13)Quais os anseios que os responsáveis têm em relação ao processo de ensino e de aprendizagem da criança?**

Os pais, eles têm uma preocupação grande em relação a criança saiba ler e escrever no Pré II e esse não é o objetivo do Pré II.

**14)Na sua opinião, qual a importância da leitura (contação de história) na educação das crianças?**

Muito importante, pois é o momento que a criança requer.. ela participa, cria, viaja na imaginação.

**15)Você se considera uma leitora?**

Sim, mas não estou do jeito que gostaria

**16)Você se sente valorizada enquanto professora de educação infantil?**

Não

**17)Como você procura se atualizar sobre os assuntos relacionados com a educação infantil e especificamente sobre a aquisição de competências de literatura nesse período?**

Participando de cursos na medida do possível, sabendo que a gente que trabalha em dois turnos o horários nem sempre o horário coincide para a gente participar destes cursos.

**18)Você conhece o referencial da educação infantil? Já leu?**

Sim. Sim

**19)E o Rede Infantil de Cabo Frio, você participou da sua elaboração? Como você tomou conhecimento do documento em questão?**

Não. Através de cursos que eu fiz, e na escola, foi enviado para escola .

**Mas já estava pronto, né? Sim**

**20)Sobre os estudos recentes sobre a educação infantil tem conhecimento?**

De algumas coisas, né. Como já coloquei não dá para fazer curso sempre né. Mas se tenta sempre se aperfeiçoar através da internet, coisa do tipo para não ficar aquém das informações.

## **APÊNDICE 2**

### **Entrevista com professora de educação de infância**

**Identificação:** P2

**Formação:** curso normal (nível médio)

**Tempo de magistério** 9 anos

**Idade:** 28

#### **1) No seu entender o que é uma atividade lúdica?**

Atividades lúdicas, são atividades através de brincadeiras educativas preferencialmente feitas fora de sala de aula, eu particularmente prefiro assim.

#### **2) Qual a importância do brincar e das brincadeiras para as crianças?**

Isso é muito importante porque são crianças, né. Como o nome já diz. Então aprender pra eles através da brincadeira faz toda a diferença. Por que pra eles fica muito massacrante está em uma sala de aula sempre no papel, quando você brinca ensinando é mais divertido para eles e pra gente também. Tem um bom retorno.

#### **E para os adultos?**

Acho que não seria diferente não, adulto tem o estress do dia a dia, então quando chega em uma sala de aula você fica ali sendo massacrado é mais complicado. Quando você brinca você aprende com mais facilidade.

#### **3) Qual a importância das atividades lúdicas na educação de infância mais especificamente nas turmas de Pré II?**

É extremamente importante, especificamente nas turmas de Pré II, por que eles estão naquele impasse estão indo para alfabetização. Estão aprendendo a ser mais mocinhos a um crescimento maior na alfabetização. Então é

importante sim nesse momento de transição. Acho que brincadeira ajuda muito, porque a brincadeira não para aqui né, aqui começa e nós vamos continuar lá, mas de forma mais séria. É de extrema importância.

**4) Com que frequência utiliza brincadeiras em sala de aula?**

Sempre. Não faço todos os dias, mas quase todos os dias da semana, umas três vezes na semana eu uso sim. Meus alunos gostam muito e eu também sou muito agitada para ficar só no papel sempre.

**5) Faz distinção entre as atividades lúdicas e não lúdicas?**

Não. Eu gosto das duas, ambas para mim são importantes. Só que depende do perfil do aluno, da turma no caso. Tem turma que para mim aplicar a atividade no papel facilita mais a aprendizagem deles, agora tem turma que no lúdico funciona melhor. É mais fácil de receber o que a gente quer passar.

**6) Há direcionamentos nessas brincadeiras? Ou são atividades mais livres?**

A maioria delas tem direcionamento sim.

**7) As brincadeiras das crianças potencializam a linguagem oral?**

Sim, com certeza a gente trabalha o todo.

**8) Que atividades do cotidiano das crianças potencializam a aprendizagem da linguagem? Que brincadeiras?**

Então eu gosto de brincar com eles de bingo de letras, a gente brinca de quem sou eu, a caixinha mágica, então assim, brincadeira a gente faz em roda para que todos participem, brincadeiras em equipe no caso, por que quando um não sabe outro vai lá e então ajuda na aprendizagem do colega.

**9)Quais os conhecimentos sobre linguagem oral e escrita, na sua opinião, são necessários serem trabalhados na educação de infância nas turmas de Pré II ?**

Então, é, eu não sou muito ligada em Pré II, meu lado é mais alfabetização, eu gosto de “puxar” mais. Mas para mim Pré II é o começo, é a base da alfabetização, aqui ele começa aprendendo para chegar lá tendo um potencial. Então assim, eu pego muito no alfabeto, a gente trabalha muito letras iniciais, a primeira e última letra, são coisas que para mim são importantes de serem trabalhadas.

**10)Como você costuma trabalhar atividades envolvendo linguagem oral e escrita em sala de aula?**

Eu gosto muito de recorte e colagem, de revistas e jornais. Trabalho com bula também pois acho muito legal também, no caso, com ele, prefiro fazer de forma mais visual.

**11)Que tipo de atividades? Formais, lúdico expressivas, estético expressivas...? Pode dar exemplos? ( respondida na anterior)**

**12)São prerrogativas da educação de infância aprender a ler e escrever efetivamente?**

Não são obrigados a ler escrever, mas claro que você vê que tem alguns que tem condições de ler e escrever então vamos puxar um pouquinho mais. Mas não é obrigação deles aprender agora não.

**13)Quais os anseios que os responsáveis têm em relação ao processo de ensino e de aprendizagem da criança no seu papel de aluno?**

Não, na verdade o responsável não que seja todos, eles já chegam achando que o filho tem que sair lendo, pra eles é meio complicado entender que existe uma fase, que tudo é um processo, com jeitinho eles começam até a entender, mas tem uns que realmente não entendem isso ainda não.

**14)Na sua opinião, qual a importância da leitura (contação de história) na educação das crianças?**

Extremamente importante, sem dúvida nenhuma, porque, incentiva muito eles. Eu gosto muito de trabalhar com teatro de sombras, fantoches, e eles gostam muito, prende a atenção deles e não é só a história em si, a leitura em si, a gente trabalha várias coisas sobre aquele livro. Então é muito importante sim, sem dúvida nenhuma.

**15)Você se considera uma leitora?**

Sim, com certeza.

**16)Você se sente valorizada enquanto professora de educação de infância?**

Como educação infantil na maioria das vezes não. Por que as pessoas pensam que educação infantil é só brincar e levar para sala de aula e fazer brincadeiras e tudo certo. A brincadeira tem uma finalidade tem uma importância para aquela criança.

**17)Como você procura se atualizar sobre os assuntos relacionados com a educação de infância e especificamente sobre a aquisição de competências de literatura nesse período?**

Então, quando eu preciso aprender algo eu vou para internet, é a forma mais fácil que tem.

**18) Você conhece o referencial da educação infantil? Já leu?**

Nunca li, sinceramente nunca li não. Eu já ouvi falar, mas nunca chegou nas minhas mãos o referencial não.

**19) E o rede infantil de Cabo Frio, você participou da sua elaboração? Como você tomou conhecimento do documento em questão?**

Não. Através da internet.

**20) Sobre os estudos recentes sobre a educação infantil tem conhecimento?**

Sim, algumas sim. Mas também pela internet, mas nada que tenho visto escrito.

### **APÊNDICE 3**

#### **Entrevista com professora de educação de infância**

**Identificação:** P3

**Formação:** Ciências biológicas

**Tempo de magistério** 17 anos

**Idade:** 35

#### **1) No seu entender o que é uma atividade lúdica?**

Uma atividade lúdica é aquela atividade que você pode, é, aplicar em uma sala de aula com os seus alunos de forma prazerosa, ao mesmo tempo que você ensina com prazer você torna aquele ensino prazeroso e as crianças aprendem de forma agradável.

#### **2) Qual a importância do brincar e das brincadeiras para as crianças?**

O brincar no meio social que a criança vive, em todo o momento que está brincando ela está construindo seu conhecimento, construindo seu aprendizado, e o brincar na verdade, é, há na brincadeira uma construção para vida.

#### **E para os adultos?**

Pros adultos? É ... a brincadeira para os adultos seria...

Para o adulto também seria de extrema importância principalmente quando elas fazem isso diante das crianças. Porque a criança aprende. A criança tendo essa interatividade, interação e até utilizando como subterfúgio a brincadeira transmite a criança um bem estar e um ambiente social mais agradável.

#### **3) Qual a importância das atividades lúdicas na educação de infância mais especificamente nas turmas de Pré II?**

No Pré II também é extremamente importante, apesar de a gente estar sistematizando um pouco mais as atividades no Pré II mas o lúdico é importante pois é brincando que ela aprende.

**4) Com que frequência utiliza brincadeiras em sala de aula?**

Na semana, umas 2 a 3 vezes na semana a gente brincava sim.

**5) Faz distinção entre as atividades lúdicas e não lúdicas?**

Bom as atividades lúdica, lúdicas, as crianças ao mesmo tempo que elas estão aprendendo elas estão brincando. Brincando, fazendo. Nas atividades não lúdicas seriam atividades em que a criança já começa alcançar um outro nível. Onde ela já começa a sistematizar aquele aprendizado.

**6) Há direcionamentos nessas brincadeiras? Ou são atividades mais livres?**

Normalmente as atividades são mais direcionadas, acho que devem ser direcionadas. Apesar que existe também aquele momento também que ela brinca ali livremente. Mas as atividades elas sendo direcionadas tornam mais, um maior aprendizado para ele.

**7) As brincadeiras das crianças potencializam a linguagem oral?**

Com certeza potencializam sim. No momento que eles estão brincando elas estão socializando, interagindo uma com as outras, elas estão desenvolvendo a linguagem, a sua expressão, enfim, potencializam sim.

**8) Que atividades do cotidiano das crianças potencializam a aprendizagem da linguagem?**

Uma contação de história, uma dramatização, o recontar a história são brincadeiras, o faz de conta, são brincadeiras que potencializam essa aprendizagem da linguagem.

**8)Quais os conhecimentos sobre linguagem oral e escrita, na sua opinião, são necessários serem trabalhados na educação de infância nas turmas de Pré II?**

Bom, desenvolvimento de sua fala, a linguagem, a expressão, autonomia, o conhecimento do alfabeto em consonância com os fonemas, signo e significado, a independência, sua escrita trabalhando sua coordenação motora se ela estiver bem desenvolvida vai ter condições de no ano posterior ampliar mais suas capacidades.

**9)Como você costuma trabalhar atividades envolvendo linguagem oral e escrita em sala de aula?**

Costumo trabalhar com atividades planejadas, mas eu utilizo muito situações do cotidiano e situações que surgem em sala de aula. Nas atividades planejadas posso utilizar a história, o reconto, a dramatização e... E em situações que surgem no dia a dia vou trabalhando também as especificidades de cada aluno, levando a falar com os demais, em público, a contar sobre fatos do seu cotidiano, enfim, diversas situações podem ser trabalhadas.

**10)Que tipo de atividades? Formais, lúdico expressivas, estético expressivas...? Pode dar exemplos?**

**Implícita na resposta anterior.**

**11)São prerrogativas da educação de infância aprender a ler e escrever efetivamente?**

Não efetivamente. A crianças é, cada um ela é, cada criança é diferente uma das outras, ela aprende dentro do seu ritmo. Algumas podem sair realmente lendo, outras escrevendo, mas não obrigatoriamente.

**12)Quais os anseios que os responsáveis têm em relação ao processo de ensino e de aprendizagem da criança no seu papel de aluno?**

Nesta faixa etária, muitos anseios, elas esperam que as crianças saiam lendo e escrevendo. Mas eu procuro sempre no início do ano, ter uma boa conversa com os pais, orientar os pais, explicar pra eles com o objetivo de educação de infância e nessa faixa etária.

**13)Na sua opinião, qual a importância da leitura (contação de história) na educação das crianças?**

Importância da leitura? Muito importante. Eu utilizo muito livros com eles, a leitura de imagens, eu procuro trabalhar o máximo que eu posso para que a criança tenha interesse esse torne um leitor.

**14)Você se considera uma leitora?**

Me considero sim.

**15)Você se sente valorizada enquanto professora de educação de infância?**

Infelizmente a nossa profissão é um pouco desvalorizada, é bem desvalorizada. Mas nós fazemos nosso trabalho com muito amor e muita dedicação. Porque é a maior satisfação quando você ver uma criança se desenvolvendo, aprendendo e te dando retorno daquilo que você, que você transmite para ele.

**16)Como você procura se atualizar sobre os assuntos relacionados com a educação de infância e especificamente sobre a aquisição de competências de literatura nesse período?**

Procuro através de cursos, bastante pesquisa, leitura de livros, umas das coisas que eu procuro fazer para ampliar meus conhecimentos.

**17)Você conhece o referencial da educação infantil? Já leu?**

Conheço sim . Já

**18)E o rede infantil de Cabo Frio, você participou da sua elaboração? Como você tomou conhecimento do documento em questão?**

Não participei. Já li. Mas não participei da sua elaboração.

**19)Sobre os estudos recentes sobre a educação infantil tem conhecimento?**

Tenho pesquisado bastante e muito deles eu tenho conhecimento, mas não todos.

## **APÊNDICE 4**

### **Entrevista com professora de educação de infância**

**Identificação:** P4

**Formação:** Pedagogia (cursando)

**Tempo de magistério:** 33 anos

**Idade:** 51

**Tempo de magistério na Educação de infância:** 8 anos

#### **1) No seu entender o que é uma atividade lúdica?**

É todo movimento que tem como objetivo principal uma tarefa prazerosa com as crianças.

#### **2) Qual a importância do brincar e das brincadeiras para as crianças?**

Brincar, né, a criança explora o mundo e a si mesmo e tem oportunidade de simular situações e conflitos da sua vida social e familiar, né, que desenvolve o raciocínio, a atenção, a imaginação aprende a lidar com as frustrações.

#### **E para os adultos?**

Os adultos conservam nas brincadeiras os aspectos lúdicos da infância .

#### **3) Qual a importância das atividades lúdicas na educação de infância mais especificamente nas turmas de Pré II?**

É importante para aprender a ter respeito, cooperação, e mais uma forma de aprendizagem, aprender o conteúdo através do lúdico.

#### **4) Com que frequência utiliza brincadeiras em sala de aula?**

Toda criança gosta de brincar e nessa fase o desejo aumenta. E é por isso que é necessário a importância das brincadeiras lúdicas.

**Mas você utiliza quantas vezes, mais ou menos com que frequência?**

Praticamente todo dia, né, faz brincadeiras lúdicas em sala de aula.

**5)Faz distinção entre as atividades lúdicas e não lúdicas?Não.** Uma complementa a outra.

**6)Há direcionamentos nessas brincadeiras? Ou são atividades mais livres?**

Hora as brincadeiras são direcionadas hora não. Dependendo do objetivo a ser trabalhado.

**7)As brincadeiras das crianças potencializam a linguagem oral?**

Sim. Ajuda a desenvolver a oralidade para se expressar através das regras e desenvolve a autoconfiança.

**8)Que atividades do cotidiano das crianças potencializam a aprendizagem da linguagem?**

No momento da rodinha, da leitura, a rotina,né, chamadinha , o calendário, “quanto somos”.

**9)Quais os conhecimentos sobre linguagem oral e escrita, na sua opinião, são necessários serem trabalhados na educação de infância nas turmas de Pré II?**

Realizo as atividade de rotina também, as crianças cantam, falam, recitam poemas, fazem dramatizações.

**10)Como você costuma trabalhar atividades envolvendo linguagem oral e escrita em sala de aula?**

Brincadeiras, jogos, artes manuais também aproveitando os momentos da rodinha, da rotina

**11)São prerrogativas da educação de infância aprender a ler e escrever efetivamente?**

Não. Na educação infantil a criança não é obrigada a saber ler e escrever. Porém nos usamos estímulos que podem ocorrer acidentalmente a leitura e a escrita.

**12)Quais os anseios que os responsáveis têm em relação ao processo de ensino e de aprendizagem da criança no seu papel de aluno?**

Olha, os pais ficam ansiosos nessa fase do Pré II porque eles acham que os filhos têm que aprender a ler e escrever nesse momento. Então, eles não têm nem o conhecimento do que é educação infantil. Então eles precisam saber o que é e agente em reunião explicar para eles , porque eles são muito ansiosos.

**13)Na sua opinião, qual a importância da leitura (contação de história) na educação das crianças?**

É importante trabalhar linguagem, ampliar o vocabulário da criança, formar caráter, a confiança no bem, e proporcionar o mundo da imaginação.

**14)Você se considera uma leitora?**

Sim.

**15)Você se sente valorizada enquanto professora de educação de infância?**

**16)Como você procura se atualizar sobre os assuntos relacionados com a educação de infância e especificamente sobre a aquisição de competências de literatura nesse período?**

O professor tem que procurar, né, buscar, renovar e através das pesquisas de conhecimentos dos livros, também pela supervisora da nossa escola, procurar trocar essas ideias sempre.

**17)Você conhece o referencial da educação infantil? Já leu?**

Sim conheço, acabei de ler.

**18)E o rede infantil de Cabo Frio, você participou da sua elaboração? Como você tomou conhecimento do documento em questão?**

Não. Não soube, não li , não sei de nada.

**19)Sobre os estudos recentes sobre a educação infantil tem conhecimento?**

Tenho.

## **APÊNDICE 5**

### **Entrevista com professora de educação de infância**

**Identificação:** P5

**Formação:** ciências biológicas

**Tempo de magistério** 15 anos

**Idade:** 40

#### **1)No seu entender o que é uma atividade lúdica?**

Bom uma atividade lúdica entendo que é todo movimento que tem como objetivo principal a realização de tarefas que sejam prazerosas para as crianças, não só gente profissional, professor, mas para as crianças, o conjunto.

#### **2)Qual a importância do brincar e das brincadeiras para as crianças?**

Através das brincadeiras eles aprendem a se respeitar, cooperar, a dividir, a simular história, coisa do seu dia a dia do social da criança , da família, imitam a gente também.

#### **E para os adultos?**

O adulto não pode deixar de brincar, principalmente quem é pai e mãe principalmente por que tem que brincar com seus filhos. Na escola a gente acaba fazendo a mesma coisa. Na educação infantil não tem como ficar fora destas brincadeiras.

#### **3)Qual a importância das atividades lúdicas na educação infantil mais especificamente nas turmas de Pré II?**

A atividade lúdica na educação infantil deve andar junto com todas outras atividades tem criança que aprende, né, de diversas maneiras. Então o lúdica acaba transformando assim, tendo objetivo com a parte escrita a oralidade. Acaba sendo um conjunto.

**4) Com que frequência utiliza brincadeiras em sala de aula?**

Toda..., sempre que posso, né. Deixo espaço para eles brincarem, se relacionarem, para ele se relacionar. Sempre que posso estou brincando com eles e deixando brincarem entre si.

**5) Faz distinção entre as atividades lúdicas e não lúdicas?**

Não, acho que uma complementa a outra. Uma não anda sem a outra. As duas tem que estar andando sempre lado a lado, presente.

**6) Há direcionamentos nessas brincadeiras? Ou são atividades mais livres?**

Ora deixo livre, ora direciono. Por que eles também têm que ter esse momento assim livre. Livre, assim deixo livre mas observo sem interferência direta.

**7) As brincadeiras das crianças potencializam a linguagem oral?**

Sim a todo momento. Pedir para ir ao banheiro, ou brincar na sala ou qualquer outro tipo de brincadeira já ajuda na linguagem oral.

**8) Que atividades do cotidiano das crianças potencializam a aprendizagem da linguagem?**

Atividades diárias, como a rotina, a leitura, a chamadinha, o alfabeto.

**9)Quais os conhecimentos sobre linguagem oral e escrita, na sua opinião, são necessários serem trabalhados na educação de infância nas turmas de Pré II?**

Como falei na anterior, principalmente o momento da rotina, quando você conta uma história eles observam, interessados a aprender a ler, até mesmo ler a figura, na chamadinha diária, de tudo um pouco, dá para se explorar na educação infantil.

**10)Como você costuma trabalhar atividades envolvendo linguagem oral e escrita em sala de aula?**

Olha começo no dia a dia, como já falei, na rotina e vou expandindo pro registro, pro papel, para brincadeiras e assim vai.

**11)Que tipo de atividades? Formais, lúdico expressivas, estético expressivas...? Pode dar exemplos?**

**12)São prerrogativas da educação de infância aprender a ler e escrever efetivamente?**

Não. A gente dá o caminho, a gente tenta dar o caminho não para necessariamente ler e escrever, mas se acontecer acidentalmente ok. Gente dá o caminho até para facilitar para o professor de primeiro ano.

**13)Quais os anseios que os responsáveis têm em relação ao processo de ensino e de aprendizagem da criança no seu papel de aluno?**

Os responsáveis são muito mais ansiosos que as crianças. Até mesmo muitos chegam assim nas reuniões, principalmente no Pré II sem saber que aquele é o último ano da criança na educação infantil. Então a gente tem que sentar

explicar que é Pré II, que no outro ano é que será o primeiro ano. Ele vem com a ansiedade muito maior que o próprio aluno.

**14)Na sua opinião, qual a importância da leitura (contação de história) na educação das crianças?**

Acho que é através da leitura que acontece o interesse deles pela escrita, oralidade. Eles gostam. Pré II, Pré I e Pré II. Os pequenininhos também, creche. Mas Pré I e Pré II eles estão naquela fase de entrar na alfabetização. Então eles ficam interessados em tentar ler a imagem, interpretar a imagem para dar um segmento.

**15)Você se considera uma leitora?**

Razoavel.

**16)Você se sente valorizada enquanto professora de educação de infância?**

Não. Acredito que não. Muitas vezes sou confundida com babá. Achar que a gente só deve fazer a parte do cuidar, até mesmo do educar. Mas o de ensinar fica, ficando para trás. Não somente pelos pais. A gente tinha que ser mais valorizado nessa área, até mesmo pelos nossos colegas de outros segmentos.

**17)Como você procura se atualizar sobre os assuntos relacionados com a educação de infância e especificamente sobre a aquisição de competências de literatura nesse período?**

Através de reportagens, compra de material na medida do possível que pode comprar, assim a gente não é valorizado, né, para correr por coisas melhores para gente , compramos na medida do possível.

**18)Você conhece o referencial da educação infantil? Já leu?**

Sim.sim

**19)E o rede infantil de Cabo Frio, você participou da sua elaboração? Como você tomou conhecimento do documento em questão?**

Não. Através das escolas que a gente passa, através das reuniões pedagógicas.

**20)Sobre os estudos recentes sobre a educação infantil tem conhecimento?**

Mais ou menos. A gente tenta se atualizar. Não vou dizer que eu tenho completamente, por que eu não tenho.

## **APÊNDICE 6**

### **Entrevista com professora de educação de infância**

**Identificação:** P6

**Formação:** matemática

**Tempo de magistério** 28 anos

**Idade:** 48

#### **1)No seu entender o que é uma atividade lúdica?**

No meu entender atividade lúdica, aquela atividade que você trabalha os conteúdos desejados trabalhados dentro de brincadeiras e jogos, trabalhados de forma divertida

#### **2)Qual a importância do brincar e das brincadeiras para as crianças?**

É importante sim. Pois através da brincadeira ela acaba aprendendo mais, porque não é aquela coisa tradicional formal, não é aquela cobrança. Ela aprende sem perceber que está aprendendo. Não é? Na brincadeira ela aprende conteúdos entendendo o que o professor quer passar mas de uma forma suave, sem cobrança, brincando, né.

#### **E para os adultos?**

Sim né. Para os adultos é tanta correria, tanta responsabilidade, que na hora da brincadeira você relaxa, não é , você esquece um pouco dos problemas e acaba relaxando.

**3)Qual a importância das atividades lúdicas na educação de infância mais especificamente nas turmas de Pré II?**

Especificamente? Acho que a importância é a mesma das outras séries. Não é? Só que no Pré II diferente das outras turmas de educação infantil você está preparando as crianças para o primeiro ano. Então você vai trabalhar muito mais conteúdos de escrita , não é, de leitura. E isso vai ajudar no entendimento destes conteúdos.

**4)Com que frequência utiliza brincadeiras em sala de aula?**

Pelo menos, na maioria das vezes, em todas as aulas eu dou algum tipo de brincadeira, não é. Agora uma brincadeira direcionada, pelo menos uma vez por semana.

**5)Faz distinção entre as atividades lúdicas e não lúdicas?**

Se eu vejo diferenças entre elas? Lógico! Sim

**6)Há direcionamentos nessas brincadeiras? Ou são atividades mais livres?**

Tem as brincadeiras livres,

**7)As brincadeiras das crianças potencializam a linguagem oral?**

**8)Que atividades do cotidiano das crianças potencializam a aprendizagem da linguagem?**

No caso sugestões de jogos? É tipo... Jogos de mesa, são atividades que eu acho que potencializam a linguagem, não é. Tipo dominó que você vai montando a palavrinha, essas coisas todas potencializam muito.

**9)Quais os conhecimentos sobre linguagem oral e escrita, na sua opinião, são necessários serem trabalhados na educação de infância nas turmas de Pré II?**

O alfabeto, né. Acho importante que a criança saia conhecendo e reconhecendo todas as letras do alfabeto. Por que o professor de 1º ano quando pegar já vai estar encaminhado. Esse trabalho tem que sair do Pré II né.

**10)Como você costuma trabalhar atividades envolvendo linguagem oral e escrita em sala de aula?**

Através de jogos, além das atividades formais de escrita, de folhinha tal, bingo, dominó , quebra cabeça trabalhando essas palavrinhas.

**11)São prerrogativas da educação infantil aprender a ler e escrever efetivamente?**

Não. Acho que eles têm que conhecer, identificar as letras e tal. Mas escrever, efetivamente, escrever o alfabeto faz parte sim, não palavras. Acho que ele tem que reconhecer as letras e escrever as letrinhas.

**12)Quais os anseios que os responsáveis têm em relação ao processo de ensino e de aprendizagem da criança no seu papel de aluno?**

Eu acho que os pais não entendem muito o que é educação infantil, né. Acho que no Pré II muitos pais ficam ansiosos achando que as crianças vão sair lendo e escrevendo . Muitos (alunos) até saem, mas é da criança, cada criança tem seu tempo. Tem criança que pelo histórico familiar, pelo dia a dia com a família,

ele tem muitas revistas, ele é muito incentivado. Então tem criança que sai do Pré II já lendo e escrevendo. Agora na escola pública isso não é tão frequente assim. Pois muitos deixam os filhos a vontade e não incentivam a leitura e a escrita. Mas a maioria dos pais acham que tem que sair do Pré II lendo e escrevendo. E não é obrigação do Pré II.

**13) Na sua opinião, qual a importância da leitura (contação de história) na educação das crianças?**

É muito importante, porque primeiro vai trabalhar a criatividade da criança e por ela ficar ouvindo aquelas história aquela coisa toda ela já começa a trabalhar na cabecinha dela outras histórias, histórias próprias delas que ela vai começar a inventar. Então é vocabulário, a criança vai ter acesso a um vocabulário maior, a criatividade dela vai surgir e outras coisas.

**14) Você se considera uma leitora?**

Mais ou menos. Deveria ser mais

**15) Você se sente valorizada enquanto professora de educação de infância?**

Obvio que não. Por que na educação existe um preconceito com os professores de ensino fundamental I e educação infantil. Para as pessoas o professor que é o bam bam bam é o professor de faculdade, de ensino médio. Então o professor de educação infantil e fundamental I é , como é, o mais baixo da educação e as vez nós temos mais conhecimento do que o professor do ensino médio , mas...

**16) Como você procura se atualizar sobre os assuntos relacionados com a educação de infância e especificamente sobre a aquisição de competências de literatura nesse período?**

Através dos conhecimentos passados pela minha supervisora maravilhosa, através da internet, das mídias sociais.

**17) Você conhece o referencial da educação infantil? Já leu?**

Sim. Não todo, algumas partes

**18) E o rede infantil de Cabo Frio, você participou da sua elaboração? Como você tomou conhecimento do documento em questão?**

Não. As escolas receberam o referencial e nas reuniões pedagógicas já foram trabalhados algumas vezes.

**19) Sobre os estudos recentes sobre a educação infantil tem conhecimento?**

Não. Estudos recente acho que não.

Obs: 1. Como foi realizada no Brasil as entrevistas, as professoras acabam por chamar de educação infantil, o que em Portugal é conhecido como jardim de infância.

